

PAGAIA

Roteiros

- BOUÇÃ
- RIA FORMOSA

Rápidos

RIO LOUREDO

Passeio

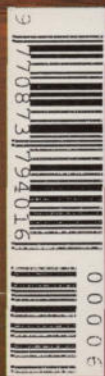
CANOAS &
CROCODILOS

Kayak de Mar

A SUA
PREPARAÇÃO

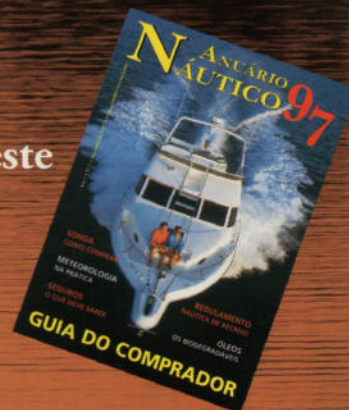


ANIVERSÁRIO 1º

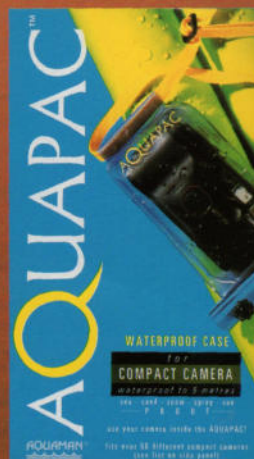


VENHA NAVEGAR CONNOSCO

Assine a **PAGAIA** e ganhe este



Promoção (Stock limitado)



CUPÃO DE ASSINATURA ANUAL

PAGAIA

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ C. POSTAL: _____ TELEFONE: _____

PROFISSÃO: _____ DATA NASC: _____ Nº CONTRIBUINTE: _____

ASSINALE COM UMA CRUZ A FORMA DE PAGAMENTO:

☐ Envio cheque Nº _____ Banco _____

No valor de 1.900\$00 (6 números) ☐ • No valor de 3.400\$00 (6 números+Bolsa AQUAPAC) ☐

À ordem de: Lobo do Mar, Lda.

☐ Autorizo débito no Cartão ☐ VISA ☐ MASTER/EUROCARD ☐ VISA ☐ E ☐ American Express

Nº Validade

Assinatura _____

☐ Vale CTT Nº _____ Nº Contribuinte _____

Endereçar a: Lobo do Mar, Lda. • Apartado 40 • 2780 OEIRAS

Sumário

18 KAYAK DE MAR
A sua preparação

22 DESTINO
Rio Alva

24 RÁPIDOS
Rio Louredo

32 MAR KAYAKS
A nova fábrica



Fotografia: Luís Quinta

Editorial

Primeiro Aniversário

Com esta edição comemoramos o primeiro aniversário da revista "Pagaia". É com grande alegria que hoje contamos com o apoio publicitário dos principais agentes económicos do sector e com uma crescente adesão por parte dos leitores que de número para número têm demonstrado o seu interesse pela publicação. Muitos se interrogam se existirá mercado para uma publicação temática com estas características. A resposta é, sim. Existe um mercado que, não sendo muito grande, é suficiente para que, com uma estrutura reduzida e uma aposta nas modalidades de ar livre, com uma vertente muito forte de Natureza, consigamos de dois em dois meses estar nas bancas de cabeça erguida. A aposta na sectorização das modalidades pode de início parecer arriscada devido ao leque mais restrito de anunciantes mas, é pura ilusão porque ao especializarmos ganhamos a adesão dos inúmeros leitores que não se identificam com meia dúzia de páginas que as revis-

tas generalistas dão à modalidade e por outro lado, os agentes económicos apostam com maior certeza de que a sua mensagem publicitária chega ao seu alvo, e a um preço por contacto inferior. A confirmar estas minhas palavras estão as dificuldades porque passa o restante espectro editorial náutico nacional, com revistas a fecharem outras a serem vendidas ou sem datas de saída definidas. Mas, olhemos para o futuro na expectativa de melhorarmos o nosso trabalho e, para que isso aconteça, contamos com a colaboração dos nossos leitores que através das suas críticas nos levam a uma simbiose perfeita de editores / leitores. Obrigado a todos os que têm colaborado connosco. ✕



Fotografia: João Lala

João Lala

PAGAIA

<http://www.pagaia.pt>

Propriedade
LOBO DO MAR Sociedade Editorial, Lda.

Empresa Jornalística Nº 220348
Contribuinte Nº 503 341 134 • Capital Social: 402.000\$00

Gerência: Pedro Escaja Gonçalves
Vasco de Melo Gonçalves
Luís Filipe Quinta

Sede: Alameda do Alto da Barra, 24 - R/C • 2780 OEIRAS
Tel. (01) 441 41 12 • Fax. (01) 443 45 69

Director: Vasco de Melo Gonçalves

Director Comercial: Pedro Escaja Gonçalves

Colaboradores: Carlos Abreu, Octávio Teixeira de Almeida, Valente Almeida, Tiareg Kayak Clube, Luís Quinta, João Ogando e Rui Calado

Revisão de Textos: Luísa Mendes

Departamento Gráfico: Miguel Pereira Gonçalves

Correspondência: PAGAIA • Apartado 40 • 2780 OEIRAS

Administração, Redacção, Serviços Comerciais e Departamento Gráfico:
Alameda do Alto da Barra, 24 - R/C
2780 OEIRAS

Tel. (01) 441 41 12

Fax. (01) 443 45 69

E-mail: lobo.do.mar@mail.telepac.pt

Tiragem: 6000 Exemplares
Periodicidade: Bimestral

Seleção de cor, Fitolito, Montagem e Impressão:
Sogapal, Lda. • Casal da Fonte • Porto de Paúl
2675 ODIVELAS • Tel. (01) 479 01 42 • Fax: 478 02 26

Distribuição:
VASP, Lda.
Tel.: (01) 439 85 00 • Fax: (01) 439 85 52

Direitos reservados de reprodução fotográfica ou escrita para todos os países.
Depósito Legal Nº 102456/96
Registado na Secretaria-Geral do Ministério da Justiça sob o Nº 120111

ESPAÑHA

Associação de Kayak de Mar

Os espanhóis da Galiza criaram uma associação para promover passeios / travessias e aglutinarem todos aqueles que fazem da Canoagem uma forma de contacto com a Natureza e de convívio. Para saber mais sobre a Asociación Gallega de Kayak de Mar e Travesía e qual o programa de actividades poderá contactar o Artur Pereira (Sipre) que é a pessoa com fortes ligações aos nossos vizinhos do norte da Península.



ROTEIRO

Percursos em Itália e Córsega de Canoas

Augusto Fortis acaba de editar um completo guia de percursos em Itália e Córsega para canoa, kayak, rafting e hidrospeed. Mais de 157 itinerários divididos pelas seguintes regiões: Alpi Occidentali - Alpi Marítima, Alpi Cozi, Alpi Graie; Alpi Centrali - Alpi Pennine, Alpi Lepontine, alpi Retiche; Alpi Orientali - Alpi Carniche, Giulie, Dolomiti, Prealpi Venete; Corsica; Sicília; Sardegna; Appennino Centrale; Appennino Meridionale. Os interessados nesta obra poderão contactar a editora: Graphot Editrice / Via Pallanza, 10 - 10153 Torino.



JORNAL

Navalista

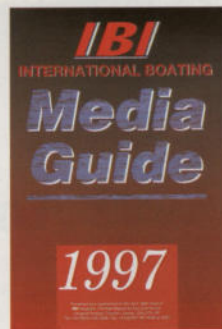
O Clube Naval Setubalense lança o jornal "Navalista" que tem por finalidade unir todos os sócios deste grande Clube que comemora o 77º aniversário. Na Assembleia Geral realizada em 16 de Março, foi eleita uma nova Direcção para o Clube. Sob a presidência de Jorge Costa, a Direc-

ção conta com dois Vice-Presidentes: Joaquim Falcão de Lima (área administrativa e de marketing) e Joaquim Niny Mestre (área desportiva, desenvolvimento e formação). A secção de Actividades Subaquáticas vai estar a cargo de Pedro Amândio. Clube Naval Setubalense: Praça da República - 2900 Setúbal; Tel. 065 523915.

CLUBE EXPEDIÇÃO

Raid Berlingas '97

Nos dias 5 e 6 de Julho realiza-se a segunda edição da Travessia Peniche - Berlingas em kayak de mar. A organização está a cargo do Clube Expedição e do programa constam dois dias de grande actividade canoístas com alguma experiência de mar. A inscrição é de 3 000\$00 e deverá ser regularizada na sede do Clube. Este clube também está envolvido com um programa de aventura e animação no parque de Campismo Vale Paraíso, na Nazaré de 1 de Julho a 31 de Agosto. As actividades incluem iniciação ao kayak polo e esqui motogem, na piscina do parque. Para mais informações poderão contactar o Clube Expedição através dos telefones: 0931-869010 e Fax. 01-4433744.



INTERNACIONAL Media Guide

As revistas Mundo Submerso e Pagaia são as únicas publicações portuguesas referenciadas na edição anual da MEDIA GUIDE, uma edição da International Boat Industry. Esta publicação, onde podemos encontrar as revistas mais representativas de cada país com as suas características técnicas e temática editorial, tem uma circulação ao nível mundial e é lida pelos principais construtores de barcos e acessórios bem como, pelas organizações dos maiores salões náuticos.

FARIO

Associação Ambientalista

A FARIO é uma associação ambientalista que actua na área circundante à crista quartzítica denominada "Penedos de Góis", no concelho de Góis e da Lousã. O nome escolhido para a associação está directamente relacionado com a *Truta Fario Salmo Linnaeus* que apenas sobrevive em águas puras.

Os objectivos programáticos assentam na defesa do ambiente, do património natural e construído, conservação da natureza e promoção da qualidade de vida, na área da sua influência.

No seu plano de actividades, têm entre outras:

- Cumprimento da legislação relativa ao plantio de eucaliptos, nomeadamente nas áreas afectas à Reserva Ecológica Nacional;
- Execução de um plano que possibilite a existência de "corredor ecológico" nas ribeiras;
- Integração na Rede Natura 2000 da área envolvente dos Penedos de Góis;
- Reconstrução dos moinhos de água e das pontes sobre as ribeiras, respeitando o traçado original;
- Proibição temporária da pesca desportiva em troços - já definidos - das ribeiras que ladeiam os Penedos de Góis;
- Acções de educação ambiental.

FARIO - Associação Ambientalista / Ribeira Cimeira * 3330 Góis.

ADRENALINA

Topo Malafosse Trophee

O Topo Malafosse Trophee terá lugar nos próximos dias 16 e 17 de Agosto em Briançon (Hautes-Alpes, França). A organização evento está a cargo do Casques à Boulons e Canoe-Kayak Club de Briançonnais e destina-se a embarcações Topolino. Em 1996, duas cadeias de televisão, mais de 4 000 espectadores, alguns campeões do mundo de kayak (rodeo e competição), mais de 95 embarcações em representação de 7 países estiveram presentes neste acontecimento sem paralelo.



LEGISLAÇÃO

Transportar o Kayak

Quando saía com o kayak (Oceano K2) no carro (Fiat Uno) muita gente me dizia que não podia andar assim e farto de tanta "palheta" resolvi levar a questão a fundo. Dei comigo a contactar a Direcção Geral de Viação / Divisão de Circulação Rodoviária (Lisboa) e foi-me dito não haver qualquer lei para o transporte de mercadorias em veículos ligeiros, o Código da Estrada apenas fala em veículos de mercadorias. Poderia circular, desde que respeitasse minimamente o Art. 56 do Código da Estrada (A carga não deve: Prejudicar o equilíbrio da viatura; Arrastar pela via; Ultrapassar os 4 metros em altura; ...). Ainda não satisfeito, e para tirar algumas dúvidas dirigi-me a um Posto da G.N.R., para falar com alguém da Brigada de Trânsito e foi-me dito o mesmo, (a Lei não fala de veículos ligeiros, logo não pode haver punição), só que acrescentaram, que apesar da lei ser omissa se deveriam tomar o máximo de precauções e que deveria ser conhecedor do já citado Art. 56.

Depois disto tudo, optei por comprar umas faixas verdes com uma lista reflectora ao centro e longitudinalmente - faixas previstas para os veículos de mercadorias e existentes no mercado ao preço de aproximadamente 4.000\$00 o par - que utilizo sempre em cada vértice do kayak



Porto/Lisboa em Kayak

No dia 31 de Maio deu-se a largada para a primeira tentativa de ligar Porto a Lisboa, em kayak de mar e com a duração de 24 horas num total de 328 km. Esta iniciativa destinou-se a duas embarcações K2, especialmente construídas pelo estaleiro Sipre situado em Esposende e, a 16 atletas pertencentes ao C.D.U.P. e Fluvial de Coimbra. Rumo a Lisboa, os dois kayaks foram acompanhados pelo navio "Creoula", pelo cabinado Sírui e um semi-rígido do Barcoeste. Até ao largo de Aveiro tudo decorreu com normalidade, o Sudoeste que se fazia sentir aumentou de intensidade e começou a retardar a progressão das embarcações. Mas um azar nunca vem só e um falso apoio danificou comprometedoramente uma das embarcações obrigando, mesmo, à sua desistência. Entretanto, as informações recolhidas a bordo do "Creoula", por volta das duas horas da manhã, não eram animadoras e previa-se um agravamento das condições do mar, chuva e vento.

Ao largo de Peniche e pelas seis horas da manhã, é próprio "Creoula" que tem problemas com o seu sistema de refrigeração dos motores o que obriga a uma paragem de cerca de 45 minutos e posteriormente, o comandante decide-se pelo izar das velas. Entretanto, o kayak continuava a sua difícil progressão acompanhado pelas duas embarcações de apoio mas, o vento e o mar pareciam apostados em fazer gorar esta tentativa de ligação Porto/Lisboa. Ao largo de Peniche, a 90 km do final, as ondas de cerca de 3,5 a 4 metros e o risco muito grande na realização dos transbordos das tripulações, criaram o cenário que daria a anulação da prova e o consequente regresso dos atletas para bordo do "Creoula".

No regresso a Lisboa pensava-se já em novas tentativas e se as condições meteorológicas ajudarem ficou bem demonstrado que a ligação é possível de ser realizada.

Aqui fica o nome dos atletas que deram corpo a esta iniciativa: C.D.U.P. - José Augusto, Carlos Filipe, André Santos, Cláudio Correia, Gonçalo, Álvaro Filipe, Williams Carriço e Miguel Araújo. Fluvial de Coimbra - Elío Henriques, Diogo Fazenda, Tiago Martins, Mauro Azevedo, Nuno Silva, Varino, Paulo Salvador e Daniel Bizarro.

quando do seu transporte; de noite para ser mais facilmente reconhecido, acrescento uma luz vermelha atrás e uma branca à frente. Existem numerosas hipóteses destas pequenas luzes, à venda e o seu preço não muito elevado. Uma palavra também para os atrelados, apesar de preferir andar com a embarcação no tejadilho por ser mais fácil na manobra, foi-me dito que nada deve sair das dimensões do mesmo, portanto, cuidado com a navegação, é que um atrelado para um kayak de mar torna-se enorme. Não esquecer ainda de amarrar tudo muito bem com vista a não perder a carga.

Esperando de alguma forma ter sido útil, recomendo que estejamos atentos a possíveis mudanças na Lei.

D.G.V. de Lisboa - Rua Domingos Monteiro, nº7
Tel. 01 3122100 - 01 7937310

TYPHOON
Vestuário e Equipamento de Qualidade

- Mergulho
- Canoagem
- Vela



TERACOM

Comércio de Importação e Exportação, Lda. • Rua de Espinho, 3A • Monte Estoril • 2765 ESTORIL • Tel.: (01) 467 0999 • Fax: (01) 466 06 19

Navegar é preciso

Mais do que navegar na Internet e encontrar empresas que fabriquem Kayaks, encontramos clubes de canoagem. Se nos motores de busca que referenciei no número anterior, procurarmos por "kayak club" (Clube de Canoagem), encontramos referências mais que suficientes para daí partirmos a dar uma volta ao mundo no nosso Kayak Virtual. Se começarmos pelos Estados Unidos o mais certo é não sairmos pois por cada um dos seus Estados, há vários (bastantes) clubes de canoagem. Assim o que eu sugiro e se quisermos conhecer a realidade canoísta de algum país longínquo na Internet, o melhor é escolhermos o Canadá ou a Austrália; assim, por exemplo, e para que encontremos um número de clubes de Canoagem, quando fazemos uma pesquisa no Altavista (www.altavista.digital.com) devemos usar a sintaxe: "kayak club" - o que nos vai permitir encontrar clubes de Canoagem, menos os que estão instalados em servidores comerciais nos Estados Unidos (com = comercial). Ao realizar uma pesquisa através destes parâmetros, consegui chegar a dois sites extremamente interessantes, o BUKC a página de um clube de canoagem de uma universidade inglesa em sun1.bham.ac.uk/C.J.D.Yates e que apenas serviu de caminho, justamente para o clube de que vos vou falar hoje, o Canberra Canoe Club, em Canberra Austrália.

Este clube tem a sua página em www.pcug.org.au/~dmorton/ccpage.html e

WWW
Internet
Kayaks

por: João Tiago Ogando
jtogando@mail.nexus.pt

então aí podemos encontrar, relatórios de viagens/expedições feitas por membros do clube, informações sobre a prática de Kayak Polo no clube, Imagens de Canoagem, mais uma página de Links, para nos mandarem para todos os cantos do mundo, uma Newsletter de que vos falo mais à frente e um formulário para inscrição no clube. É uma página simples e funcional, onde não falta uma chamada de atenção, junto ao menu dos relatórios de viagens, que avisa que algumas dessas expedições foram feitas por canoístas competentes e experientados, e que podem ser perigosas para os canoístas mais inexperientes, e que estes se tiverem dúvidas quanto às suas capacidades deverão juntar-se a um clube como ao deles, para terem melhor aconselhamento e acompanhamento. Mas, sem dúvida, que o que mais me chamou à atenção foi um documento (a tal Newsletter) em formato word, com 6 páginas, e que segundo eles é enviado via e-mail a todos os membros. A edição disponível (era a nº15 de Nov/Dez de 1996), e nela havia uma mensagem de ano novo, um relatório de sla-

lom, um de uma expedição ao estreito de Torres, relatório de Kayak Polo, e um resumo do que chega ao clube por correio normal, e que possa interessar aos membros do clube. Aí encontrei algumas informações extremamente interessantes, como por exemplo: Existe um número de telefone que mantem atualizadas as informações sobre Kayak Polo bem como sobre o nível dos rios; há uma estação de rádio que informa sobre actividades e se estas se efectuam ou não (se forem canceladas pode-se avisar a rádio até no próprio dia); informam os membros sobre conferências, artigos que saem em revistas, competições de canoagem, encontros de canoagem; fornecem formulários de inscrição (para eventos vários); informam, também, sobre descontos especiais que são feitos aos membros do clube; fazem um apanhado das edições de revistas e livros sobre canoagem, entre outros assuntos. Finalmente no fim desta Newsletter encontramos uma zona dedicada ao calendário de actividades, e de 20 de Outubro a 27 de Novembro, um canoísta poderia ficar 16 dias dentro de água.

Para o mês que vem voltamos para falar de um clube de canoagem europeu.

Para qualquer esclarecimento, ou para pedir uma cópia da Newsletter do Canberra Canoe Club, podem contactar comigo através do meu e-mail: jtogando@mail.nexus.pt.

Texto: João Ogando

Disfrute os prazeres
da Natureza com a PRIMUS



Av. Almirante Gago Coutinho, Edifício 11
(Centro Empresarial Sintra nascente) • 2710 SINTRA
Tel.: (01) 352 56 31 • Fax: (01) 353 50 30
Tel.: (02) 996 70 52 • Fax: (02) 996 70 54

9 NAVEGADOR
7 DOS
MARES

O poder
da navegação
exacta e segura
está no GPS 45.

GARMIN
"Leader" mundial em GPS

Um compacto instrumento
de navegação simples de operar,
mas de altas "performances".
Navegação aérea, terrestre
e marítima.



Representante exclusivo para Portugal

Sicom
Sistemas de Comunicações, Lda.

Av. 24 de Julho, 132 • 1350 LISBOA • Tel.: (01) 395 64 30 • Fax: (01) 395 65 69

THULE
SWEDEN

L.P.L. ARTIGOS DESPORTIVOS E LAZER, LDA.
Urb. Varandas de Cascais, Lt. 1 • 1.º J. 3 • 2750 CASCAIS
Telef.: (01) 483 53 54 • Fax: (01) 483 53 62



Newwwwweb

...as nossas ideias,
...os seus produtos,
...os seus clientes,
e a Internet!



Contacte-nos: Tel/Fax - 039 704 123 - www.newwwwweb.pt.eu.org - e-mail: newwwwweb@mail.nexus.pt

Ventisca Alicate multi-usos Aitor



Na prática da Canoagem bem como no dia-a-dia o recurso a uma ferramenta multi-usos é frequente. O alicate da Aitor é uma peça fundamental do nosso equipamento pessoal e para isso contribuem as suas oito funções que para além do alicate já mencionado, vem equipado com lâmina, abre garrafas, chave de fendas, saca-rolhas, etc... O alicate multi-usos Aitor é fabricado em aço inox e é comercializado pela empresa Ventisca ao preço de 6 900\$00.

Berghaus Mochila Headwall



A Headwall é um dos modelos que compõem a vasta gama, dividida em 8 linhas, de mochilas fabricadas pela prestigiada marca inglesa Berghaus. A filosofia da Headwall é dirigida ao utilizador exigente com a qualidade mas que pretende usar a mochila no seu dia-a-dia de trabalho ou num pequeno passeio. Na prática da Canoagem, onde não existe muito espaço no kayak para transporte de bagagens, este modelo é bastante interessante devido às suas reduzidas dimensões. O modelo é concebido a pensar nas questões de funcionalidade com diversas bolsas extensíveis, porta documentos, recolha das pressintas para se transformar em saco com pega, mosquetão interior para guardar chaves, volume de 25 + 10 litros. A Headwall tem garantia de vida, pesa 0,85 Kg, é fabricada em Espuma 900 (Polyester) na cor preta e é comercializada em Portugal pela Teracom ao preço de 14 800\$00.



Saco-cama
Fecho éclair longitudinal, forro interior em 100% de algodão e exterior em nylon. Disponível nas cores verde, azul e camuflado.
Preço: verde/azul 8.300\$00 • camuflado 8.900\$00



Bota Bestard Cervino
Forrada a Gore-Tex e sola Vibram.
Disponível do nº 38 ao 45
Preço: 33.800\$00



Alicate Multi Uso
Em aço inox, com 14 funções e uma bolsa em nylon.
Preço: 4.900\$00



Bússola de Mapas
Preço: 2.100\$00



Calças Desmontáveis
Com reforço traseiro e múltiplos bolsos disponível dos nº 36 e 52.
Cor: lavado preto e verde.
Preço: 6.600\$00



Colete Ranger
Cores bege e cru, tamanhos S a XXL
Preço: 7.400\$00



Mochila Bosker nas cores verde, azul e camuflado. Modelos de 20 L, 35 L, 50 L e 65 L.
Preços de 5.900\$00 a 11.500\$00



VENTISCA

Rua Câmara Pestana, Edifício Sintra, Loja 8 • (Junto ao Carlos Manuel) • 2710 SINTRA • Tel./Fax: (01) 924 29 92



A maior gama de Kayaks e Canoas em Polietileno

Importador / Distribuidor:
• Prijon (5 anos de garantia)
• Rotomod
• Cochois

Revendedor:
METAGUA
C.E.T. - Rua de Nabregas, 2
Piso 1 • Loja 18 • 1900 LISBOA
Tel.: (01) 868 49 10 / 08 45

ÉLIO
Artigos para Desportos Náuticos, Lda.
Rua Central, 38 • Crestuma
4415 CRESTUMA
Tel.: (02) 765 10 16
Fax: (02) 763 26 49

SIDPRE

... porque um Kayak
tem de ser bom!

Líder de Vendas no Mercado Nacional

30 Modelos de Kayaks...

Importador **RODOMOD**

Fábrica **SIDPRE** Lda.
Rua António de Abreu
4740 ESPOSENDE
Tel./Fax: (053) 965182

Distribuidor **WATER** *Algarve*
Av. dos Cedros, Casa do Vale
Rinchoa • 2735 RIO DE MOURO
Tel./Fax: (01) 916 58 33



Porta documentos



Rádio VHF



AQUAPAC para todas as situações

AQUAPAC®

Aceitamos Agentes em todo o país



Máquina fotográfica



Telemóvel



Bolsas estanques e práticas



Edifício Liscont, 1º • Cais de Alcântara • 1350 LISBOA • Tel.: (01) 392 09 40 • Fax: (01) 397 00 84

Tuaregs no Rio Alva



Escondido na região montanhosa da Serra do Alvor, e vindo das alturas da Serra da Estrela, corre o Alva, um dos rios mais bonitos de Portugal. Encaixado em vales profundos, bordejado de floresta luxuriante e tendo como companhia, terras como, Avô, Barril de Alva e Coja, onde a pedra ainda impera nas construções, as águas cristalinas correm alegremente num misto de águas bravas e troços perfeitamente pacíficos. Foi neste ambiente propício à aventura e ao relaxe que decorreu mais uma actividade do Tuareg Kayak Clube em colaboração com a revista Pagaia.

No fim de semana de 17 e 18 de Maio, os Tuaregs juntaram-se, convidaram alguns amigos e rumaram a Coja, no concelho de Arganil onde acamparam no parque de campismo gentilmente cedido pela Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo.

Dia 17 de manhã, rampa abaixo em direcção ao rio lá iam descendo kayaks e canoístas num misto de cores que se ia juntando junto ao açude, que nesta zona chamam de caneiro.

Depois da azáfama habitual que envolve a entrada no rio de 41 canoístas, dos saltos, de alguns mais intrépidos, do caneiro para baixo e do briefing da ordem, a caravana começa a marcha rio abaixo, num dia solarengo que prometia bom tempo.

Desde kayaks de águas bravas bastante evoluídos, até kayaks de mar que se devem ter perdido coitados, via-se de tudo um pouco.

Os participantes iam remando e ao mesmo tempo iam admirando a beleza da paisagem envolvente, as águas límpidas que deixavam ver o fundo e os muitos peixes que por ali andavam.

E curva aqui, passagem mais técnica ali, chegou-se ao primeiro caneiro com cerca de 2,5 metros que era necessário transpor. Depois do

batedor saltar e avaliar do estado da queda de água e montada a segurança, a festa começou. Os canoístas dos kayaks de mar e de canoas abertas, juntaram-se a apreciar o espectáculo e os outros um após outro lançavam-se caneiro abaixo.

Os mais experientes saltavam com toda a classe fazendo um brilharete, os novatos ora aguentavam o salto ora capotavam com todo o aparato, no entanto, todos recebiam vivas e aplausos. Os estreantes que se saíam bem, ficavam cheios de vontade de repetir, os outros, também, para fazerem melhor.

Depois de acalmados os níveis de adrenalina e com todas as embarcações já do lado de cá, a descida continuou. E, foi assim, neste misto de águas calmas, salpicadas aqui e ali por passagens mais estreitas que puxavam para as árvores ou para as rochas e caneiros onde as quedas de águas e os retornos permitiam muita diversão, que decorreu esta descida até Secarias.

Aqui, um grande espelho de água proporcionado pelo maior caneiro do percurso, serviu para alguns aprenderem esquimotagem, a técnica de repor o kayak na posição normal em caso de capotarem e para quase todos saltarem o caneiro mais que uma vez, aperfeiçoando a sua técnica.

O retorno dos condutores a Coja foi efectuado por uma viatura da Câmara de Arganil, mas o dia não ficava por aqui. Depois do retorno dos participantes ao parque, kayaks arrumados, banhos tomados e uma roupinha seca vestida, seguiu-se um jantar no Lagar (oferecido pela Câmara e Serviços de Turismo de Arganil), restaurante à beira rio que em tempos foi de facto um lagar, mantendo ainda as mós de tamanho impressionante. O Lagar é uma construção muito bonita toda em xisto e num local deveras agradável. Durante o jantar,

foram distribuídos diplomas de participação aos canoístas e a animação era geral estendendo-se até mais tarde com a presença do rancho folclórico Os Malmequeres de Cerdeiras, que actuaram para os canoístas e acompanhantes. No fim, os Tuaregs tiveram que mostrar se dançavam tão bem quanto remavam.

No dia 18 e depois de uma noite de chuva intensa, que embalou os aventureiros num sono reparador, começava a segunda parte do programa. Um passeio guiado pela região, que nos levaria à Mata da Margarça, um local bellissimo que ainda mantém alguma da flora endógena de Portugal, à Fraga da Pena, uma cascata de grande altura e por fim, ao Piodão onde a Chanfana, prato típico de carne de cabra, esperava estes estranhos visitantes que chegavam a esta aldeia no alto da serra com Kayaks em cima dos carros.

Depois da Chanfana e da visita à aldeia, cujas casas são todas em xisto, galgou-se mais uma vez a serra até Pomares, onde fomos recebidos por um grupo simpático de jovens e mais uma vez as mesas estavam cheias de comida. Caso não saibam, ficam a saber que remar engorda, principalmente se o fizerem em Arganil!!.

De salientar que neste segundo dia o grupo foi sempre acompanhado pela responsável do Turismo de Arganil, Ana Paula Martins Bernardo. A paragem seguinte foi em Avô, uma aldeia muito bonita à beira do rio Alva e onde este oferece algumas potencialidades para a prática de águas bravas. O rio chamava e os canoístas indecisos trocavam olhares entre si e perguntavam uns aos outros, vamos?.

Infelizmente o tempo urgia e estava na hora de voltar a Lisboa, mas como diz a canção, meus olhos ficaram lá. Um dia os Tuaregs voltarão ao Alva. ✎

Texto e Fotografia:
Ottávio Teixeira de Almeida

SIPRE

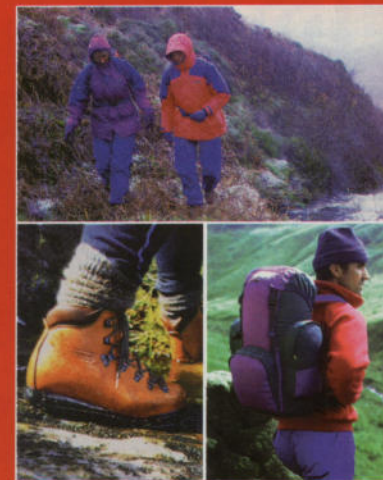
Mais de 30 modelos
de Kayaks em fibra
de vidro e polietileno para
mar, rio e águas bravas

IMPORTADOR
ROTHOMOD



Fabrica SIPRE Lda.
Rua António de Abreu
4740 ESPOSENDE
Tel./Fax: (053) 96 51 82
Distribuidor LARPA Alentejo
Av. dos Cedros, Casa do Vale
Rinchoa • 2735 RIO DE MOURO
Tel./Fax: (01) 916 58 33

berghaus



TERACOM

Comércio de Importação e Exportação, Lda.
Rua de Espinho, 3A • Monte Estoril • 2765 ESTORIL
Tel.: (01) 467 09 99 • Fax: (01) 466 06 19

A Loja
Dos
Canoístas

•
Todo
o
Equipamento
para
Canoagem

•
Descidas
de
Rios



Representante das Marcas: Boreal, Mack, Perception, Schlegel e Élio.

CET - Rua de Xabregas, 2 • Piso 1 • Loja 18 • 1900 LISBOA
Tel.: (01) 868 08 45 / 49 10 • Fax: (01) 868 15 68

Albufeira da Bouça



O repto surgiu de uma conversa ao telefone, entre mim e o Vasco, convidando-o para vir passar um dia comigo a Abrantes. Falava-lhe de várias coisas quando ele me diz que viria com o Pedro, mas que tinha de os levar a um sítio bonito. Fica no ar a Albufeira da Bouça e nessa manhã radiosa de sol encontrámo-nos partindo em direcção a Pedrógão Pequeno para de lá tomarmos o caminho que nos leva ao lugar Moinho das Freiras, único acesso sem dificuldades à dita albufeira - isto porque se trata de uma albufeira bastante pequena em extensão, 14 Km apenas, e de ser uma barragem de descarga livre, isto é, quando enche passa por cima, havendo por isso que ter cuidado e bastante atenção na zona do paredão, encontrando-se os acessos nesta parte vedados e interditos. Quem quiser atravessar a barragem terá que solicitar uma autorização à E.D.P. Além disso as margens são bastante escarpadas, por vezes, e os caminhos que as descem, são todos em terra, geralmente com muita pedra, tornando o acesso difícil.

A estrada é estreitíssima e serpenteia a escarpa em autênticos "ss" até que se chega à beira da água. Devagar e sem pressa começamos a preparar o material e pouco depois saímos, eu e o Fausto no Oceano, o Vasco e o Pedro no Berlenas. Estamos agora no meio de uma paisagem espectacular, autêntico convite à interiorização e rumamos para montante, as margens começam a estreitar cada vez mais e pouco depois, a seguir a uma curva deparamos com a "nova" ponte sobre o rio Zêzere, logo abaixo da Barragem do Cabril, ponte esta que liga Pedrógão Grande a Pedrógão Pequeno, melhor dizendo faz parte do IC 8 que segue em direcção à Sertã e dá ligação a Castelo Branco. É altíssima e vista cá de baixo tem-se uma sensação estranha de pequenez, assim como se torna "imaginativo" olhar para todo aquele betão ali empoleirado e suspenso entre ravinas. Logo a seguir encontra-se uma outra ponte, pequeníssima, bastante antiga, toda ela em pedra, ponte essa que olhamos com curiosidade, a contrastar com a que acabo de descrever. Avançamos um pouco mais e o Pedro pergunta-me se é para "furar" o paredão da Barragem do Cabril, dada a proximidade a que estamos. Ri-me respondendo que não e retrocedemos, fazendo uma breve incursão à foz da ribeira de Pêra, local bastante agradável, devido a esta ribeira vir cheia de água e desaguar numa garganta bastante profunda. Alguém exclama que na verdade somos pequenos no meio de tanta pedra. Voltamos a passar pelo local de acesso à água e continuamos já no sentido descendente.

A albufeira é toda ela com uma média em largura de 100 a 120 m, por vezes, muito menos e as encostas bastante arborizadas, onde a prioria vegetação chega à água, devido a não haver aqui grandes variações do nível de água. De vez em quando juntamo-nos e consultamos a carta militar 1:25 000 para sabermos o sítio exacto onde nos encontramos. A dada altura comenta-se sobre a parca fauna vista até ao momento e respondo que talvez seja por algumas áreas terem ardido e se encontrarem a ser reflorestadas. Tinha o objectivo de almoçarmos na Barragem da Bouça, mas a fome começa a apertar e depois de procurarmos um bom sítio, acabamos por encontrar um lugar bastante bom para o repasto. (Ponto 2) Trata-se de um local utilizado por pescadores, onde o acesso a terra é fácil e onde existe um casebre meio tijolo, meio reboco, com tudo o que é necessário para grelhar peixe, havendo de tudo, desde mesa, azeite, vinagre, sal... optámos por trazer a mesa para a rua e ao seu redor comemos o arroz à valenciana feito na véspera. Já recompostos temos o cuidado de arrumar e deixar tudo como encontrámos, sendo esta a regra de ouro de um amante da natureza, para que se possa voltar sempre e sem conflitos a estes locais tão calmos e atraentes.

Nesta pequena pausa aproveitamos para voltar a consultar a carta topográfica e depois de uma breve conferência a 4 optamos por voltar para trás, pois começava a fazer-se tarde. O sol começa a esconder-se por trás de umas nuvens

ameaçadoras de trovoada e levanta-se algum vento que é por vezes aproveitado com a pagaia para uma propulsão em jeito de descanso e brincadeira.

De repente uma dúvida fica no ar, eu digo que um bando de patos vai lá à frente, mas pouco depois e ao longe parece ser corvos marinhos e ficamos a vê-los até que desaparecem na margem. Pouco tempo depois, mesmo ao nosso lado uma garça levanta voo, como que a contrair os reparos que havíamos tido anteriormente sobre a pouca fauna descortinada.

Pagaíamos agora calmamente e vamos dando mais atenção à paisagem. Constatamos assim o grande avanço dos eucaliptos, por estas bandas, tirando lugar a outras espécies que, no aspecto estético, são de longe muito mais agradáveis, e isto para não entrarmos noutras deambulações que de longe ganhariam a esta reflorestação à custa do eucaliptal, não é que tenha algo contra a espécie, mas fica a interrogação, aonde nos leva esta "monocultura", que cada vez nos invade mais?



Já no final, começa a chover de mansinho, primeiros pingos da trovoada que se avizinha, mas os carros já se vêem e acabamos por sair "enxutos" da água, felizes e retemperados por mais uns dias. ✚

Texto e Fotografia: João Laia

Permito-me agora fazer à parte umas breves reflexões sobre esta albufeira silenciosa, encantadora e cheia de recantos que há uns anos utilizo para os meus treinos, enquanto te dou umas informações sobre as maneiras de cá chegar.

Sobre a beleza, as suas águas calmas e verdes, não vou falar mais, penso que já falei o suficiente, apenas umas palavras sobre este santuário para a canoagem que podes desfrutar desde que sigas as regras de um bom canoísta.

Nem sempre gosto de remar acompanhado e às vezes saio mais o meu K1 Orion (ver o tipo de embarcação na 2ª Pagaia) para fazer longas tiradas em plena harmonia com tudo o que me rodeia. Como disse há alguns anos atrás descobri este local e desde então nunca mais deixei de o utilizar. Para cá chegar deves dirigir-te à Sertã e depois seguir pelo IC 8 até Pedrógão Pequeno. Também se pode apanhar o IC 8 no Pontão (Avelar) e seguir até Pedrógão Pequeno. Outra alternativa é seguir por Tomar em direcção a Dornes, seguindo-se Cernache do Bonjardim, passar pela barragem da Bouça e depois subir em direcção à Atalaia Cimeira, ao Casal da Francisca e à localidade da Graça para finalmente apanhar o IC 8 em direcção a Pedrógão, mas este itinerário, apesar de ser talvez o mais pitoresco torna-se o mais difícil, devido ao seu piso por vezes estar em mau estado e às inúmeras curvas.

Em Pedrógão Pequeno junto ao mercado existem dois cafés que são bastante úteis para ingerir qualquer coisa, quer seja antes ou depois da tirada.

No mesmo local e para os menos entusiastas pelo campismo existe uma pensão para pernoitar.

A entrada na Albufeira junto ao paredão do Cabril pode fazer-se, mas o acesso é restrito e deve pedir-se autorização à E.D.P., eu pessoalmente recomendo o máximo de atenção - não o utilizes se não tiveres experiência -, pois a barragem pode estar a descarregar e mesmo que seja muito pouco, aí a uns 70, 80 m existe uma cachoeira onde a ondulação é terrível, a água bate nas margens e quer voltar para trás, criando muita instabilidade, formando por vezes um "rappel" (retorno) bastante forte, sendo preciso força para conseguir avançar.

Desiludam-se os que tencionam aproveitar o parque de campismo de Pedrógão Grande para depois sair de kayak para a Bouça, só se for para a Barragem do Cabril, já que para a Bouça, torna-se ainda longe e só de carro, a pé depende do caminho escolhido, mas o mais curto dá cerca de 2 Km. Na estrada que leva ao Moinho das Freiras há dois ou três locais onde podes acampar, ficando o aviso de que deves precaver-te, devido ao facto de não haver infraestruturas e pelo local ser escarpado e sempre frio/húmido durante a noite.

Em jeito de despedida digo-te que podes ainda visitar o miradouro da Senhora da Confiança (Pedrógão Pequeno), donde desfrutarás de uma vista soberba e poderás admirar o abandono degradante a que foi votada uma estalagem que existia no local; ainda podes perguntar pelo caminho que leva à Ponte Filipina e uma vez lá em baixo existem inúmeras hipóteses para percorrer a pé quase toda a garganta que vai desde a parede do Cabril às 2 pontes. Deixa o carro em Pedrógão pequeno, é que o caminho tem uma % de inclinação bastante acentuada e depois das obras da nova ponte este está bastante deteriorado.

Da Fuzeta a Tavira



Visão de Santa Luzia

O INATEL organizou, no passado mês de Abril, um passeio de três dias à zona da ria Formosa entre as povoações da Fuzeta e Tavira. O passeio teve duas vertentes distintas, no primeiro dia é, para adaptação de alguns canoístas menos experientes às embarcações, optou-se por uma navegação no Canal de Tavira onde as águas são mais calmas. No segundo dia, a navegação foi em mar com a passagem pelas duas barras respectivamente.

Porto da Fuzeta

A Fuzeta é uma vila com cerca de 3 000 habitantes, cujas principais actividades são a pesca e, no Verão, o turismo.

O porto fica situado na ria Formosa, por E da povoação e a barra abre-se a cerca de uma milha para E da longitude de Fuzeta, entre as ilhas de Armona e de Tavira; é uma barra natural mas muito baixa, divagante e com forte

instabilidade de fundos. O canal que dá acesso ao porto é variável e com algumas zonas também muito baixas. As infra-estruturas portuárias constam essencialmente de uma muralha acostável com cerca de 220m de comprimento. Nesta muralha, que constitui a face W de um canal relativamente estreito, existem duas rampas varadouro e uma pequena ponte-cais.

Porto de Tavira

Tavira é uma cidade com cerca de 26 000 habitantes, cujas principais actividades são a pesca e o turismo, na época do Verão.

O porto fica situado na margem direita do rio Gilão, junto à cidade e atinge-se após um percurso de área de 1,5 milhas a partir da barra. Numa zona denominada Quatro Águas, aproximadamente a 1,5 milhas da boca da barra situa-se uma zona utilizável como fundeadoiro, uma pequena ponte-cais em betão e

uma rampa salva-vidas. É também nesta zona que confluem o rio Gilão permitindo o acesso à cidade e, o canal de Tavira, que corre para SW, quase paralelamente à linha de costa, e proporciona o acesso à povoação de Santa Luzia, cerca de 2 milhas mais adiante.

A barra é artificial e abre-se na ilha de Tavira; tem cerca de 70m de largura e é protegida por dois molhes. O acesso às Quatro Águas tem fundos da ordem do 1,5 m de sonda reduzida, tal como o acesso ao cais da cidade de Tavira. O canal de Tavira tem fundos mínimos da ordem dos 2 m. A barra torna-se perigosa com mau tempo, especialmente de NE até SW e a maré na vazante.

A ter em conta

Para a realização de um passeio com estas características convém o canoísta ter alguma preparação física e alguma experiência de navegar no mar e com ondulação. Tecnicamente

Praia do Barril e as suas famosas âncoras



Saída do Porto da Fuzeta

o passeio não é muito exigente fisicamente e desgastante pois, por diversas alturas pagaiámos contra a corrente e em locais pouco profundos.

Ao nível da paisagem, quando navegamos pelos canais, ela é interessante e diversificada. Encontramos algumas povoações que contrastam com as zonas de pântanos, ricas em aves e peixes. Já na navegação por mar ela, não é tão interessante porque a costa é composta apenas por areal. Excepção para o Barril, onde podemos observar as centenas de âncoras semi-enterradas na areia a fazer-nos recordar os tempos da pesca ao atum. Na primeira vez que realizei este percurso, por mar, tive a felicidade de, por alguns instantes, navegar com um bando de golfinhos. ✚

Texto e Fotografia:
Vasco de Melo Gonçalves



Uma homenagem ao Infante

to centenas de quilómetros, ter levantado de madrugada, ter dispendido horas a organizar o material e a montar as tendas, ter remado quilómetros, às vezes em condições adversas, só para ter o prazer de saborear aquele momento único e muito pessoal que, por vezes, tem a duração de uns fugazes segundos mas que ficam para sempre gravados na nossa memória. São momentos pessoais que procuramos, que as palavras não podem traduzir na sua plenitude e que valem todos os sacrifícios por que passamos, dum forma ou de outra, nas cidades onde habíamos.

Como me disse o Costa Moura, bastaram-lhe breves segundos consigo mesmo, durante a expedição em kayak ao Polo Norte para que, os dois longos anos de preparação ficassem saldados.

É dentro deste espírito que nasce o 1.º Raide Sagres / Lagos em kayak de mar, organizado pelo Clube Infante D. Henrique. Nesta primeira prova queremos prestar uma homenagem ao Infante dai, a escolha do trajecto entre Sagres, onde faleceu a 13 de Novembro de 1460 e Lagos, onde viveu grande parte da sua vida.

No dia anterior ao da realização do raide, tive oportunidade de efectuar um reconhecimento nos ilhotas (4) do Martinhal, a cerca de 300 metros de distância do porto da Balnearia, em

Sargos. Nestes ilhéus é possível navegar entre eles sempre acompanhados pelo barulho das galvoas que ali nidificam. A água estava com transparência "tipo Algarve" e o meu kayak onde a profundidade permitia, fazia sombra no fundo por onde ia passando. Dei uma volta pelos ilhotes onde encontrei alguns pescadores puxando pequenos aparelhos e outros fazendo o corrido, no intuito de algum robalo, que naquelas águas fértilhentas de vida, é só uma questão de tempo para a esperança se concretizar numa certeza. Alguns corcos marinhos estavam por perto, nadando e mergulhando à procura de peixe. A dado momento parei o kayak e comecei a notar que para onde quer que me virasse o mar era cortado por pequenas barbatanas. Eram milhares de tainhas que a princípio não se aproximaram mais que, passando algum tempo e devido à minha perfeita imobilidade, uma guarda avançada de 4, vieram proceder a uma inspeção. De seguida deram ordem às outras e então era vê-las passar em grande número por baixo do kayak certas de que não existia perigo.

Mesmo encostado ao ilhote que está virado para a praia do Martinhal observei vários cardumes de sargos e salemas. Os caçadores podem deixar de pensar neste sítio, pois está proibido o mergulho nos ilhotes, devido à

A photograph showing three people in kayaks navigating a narrow, shallow channel between high, rugged, and rocky cliffs. The water is dark and calm. The person in the foreground is wearing a red shirt and a white helmet, paddling a blue and yellow kayak. Two other kayakers are visible further back in the channel. The cliffs are composed of light-colored, layered rock formations.

ar perante o nosso olhar de admiração e o esvoaçar aflito dos restantes pombos. Aqui e acolá pequenas praias desertas como as do Barranco e João Vaz que não têm areia. Depois a praia da Igrina separada da praia do Zavial pela ponta da Torre, belo sítio para pescar à linha. Paragem na Salema para a refeição e desentorpecer as pernas. O grupo estava animado e não demorou muito para que nos fizéssemos ao mar de novo, que por sinal estava a ficar um pouco encapelado com rebentação de Sudoeste na praia, o que me levou a fazer

uma entrada de costas muito pouco ortodoxa. Daqui até à ponta da Piedade foi sempre a apanhar com o vento de Sudoeste o que obrigava a constantes correcções de rumo embora a velocidade do kayak tivesse aumentado com o surf das ondas.

mentado aproveitando o surf das ondas. A costa aqui é menos agreste pontuada por arribas de tipo arenoso, as praias são maiores e mais frequentadas, são os casos do Burgau, Luz e Porto de Mós com a sua famosa Pedra Negra, que é de facto negra no meio de uma arriba clara. Chegámos depois à Ponta da Piedade que por si só vale bem os 35kms que estávamos prestes a concluir. Grutas, grutas e mais grutas que escondem pequenas enseadas de água azul cristalina e parada, repletas de rochas altas que o mar e o vento vão comendo, formando pequenos labirintos de água onde relaxámos antes de desembarcar na praia do Forte do Pau da Bandeira, junto ao clube de Vela de Lagos. Missão cumprida?... Ainda não. Faltava recuperar os barcos em Sagres e combinar o jantar que faz parte, sempre, deste tipo de actividade. Foi uma forte sardinhada em Portimão, não tivesse ela sido organizada pelo António Fortes/Vertigem, que também nos ajudou a tornar esta prova uma realidade. Além do apoio que tivemos da Revista "Págia", não queria terminar sem agradecer a todos os outros, designadamente: Goltziana, Fábrica de Kayaks e Canoas que nos apoiou com material diverso, Capitão Dureza com o barco de apoio , A.R.C.A. (Associação Regional de Canoagem do Algarve) e Capitania do Porto de Portimão.

Mas acima de tudo a boa vontade e carolice de todos os que, de uma forma ou de outra, estiveram envolvidos neste Raide Sagres/Lagos e que sabem o trabalho que estas coisas dão, mas que acima de tudo experimentam a satisfação com que são feitas. Por isso vos digo, até para o ano, no 2º Raide Sagres/Lagos (Passeio dos Descobrimentos). ✕

Texto: António Ogando
Fotografia: Paulo Reis

Cupão de Encomenda		
Referência	Quantidade	P. Unitário
		Valor
Soma da sua Encomenda		TOTAL
Nome:		
Morada:		
C. Postal:		
Localidade:		
Forma de Pagamento:		
Telefone:		

Become o ilustre e envie para:
Lobo do Mar Sociedade Editorial, Lda. • Apartado 40 • 2780 FERREAS

• **Números atrasados: 580\$00 • Despesas de envio incluídas**



A preparação do kayak de mar

Chapéu para evitar as insolações

Bolsa estanque Aquapac para transporte de documentos e pequenos objectos

Alicate multiusos Aitor da Ventisca

Protector solar

Bússola portátil à prova de água da Plastimo

Fita adesiva para efectuar remendos

Estojo de primeiros socorros da Ventisca

Frontal regulável da Plastimo

Cabo de arremesso da Boreal

Para afinar o leme deverá utilizar um alicate e luvas para maior segurança

Para transportar carga deverá utilizar sacos estanques, neste caso um de 60 litros da Plastimo

O saíote deverá ser forte para resistir a uma rebentação de onda

Corneta para aviso sonoro da Plastimo

Cabo de segurança com dois mosquetões da Plastimo

Bomba de água manual da Plastimo

Bolsa estanque Aquapac para transporte de cartas náuticas ou mapas

Com a chegada da Primavera e do Verão surgem as saídas para o mar, em kayak. E seguindo uma velha máxima "quem vai para o mar prepara-se em terra" vamos neste artigo lançar algumas pistas sobre a preparação de um kayak de mar, com uma forte componente de segurança e cuidados a ter com uma saída de mar.

Uma parte importante da preparação da saída de mar é realizada em terra com um estudo, através de um mapa ou carta, da área onde pretendemos navegar. É essencial sabermos onde vamos colocar o barco na água e quais as suas condições de acesso bem como, sabermos onde vamos sair e que locais existem para nos abrigar-nos caso as condições climáticas se alterem. É, também conveniente sabermos as condições meteorológicas previstas para a data da nossa saída para desta forma, podermos analisar todos os parâmetros e sabermos se temos conhecimentos técnicos suficientes e condição física para navegar com determinada condição de mar, vento e ondulação. Hoje em dia, existem endereços na In-

ternet que nos dão a previsão meteorológica com

mos a conhecer o nosso trajeto e previsão de chegada a alguém que fique em terra para no caso de algum acidente poder prestar auxílio.

O Kayak

A embarcação é uma das componentes principais no sucesso de um passeio de mar. O canoísta deverá realizar uma vistoria pormenorizada à sua embarcação e tendo em conta os seguintes pontos:

- Verificação das câmaras estanques e respectivas tampas, caso elas existam;
- Observar o casco, convés e poço para ver se não existe qualquer fissura por onde possa, eventualmente, entrar água;

- Verificar o estado em que se encontra, caso tenha, todos os componentes do leme bem como o isolamento dos orifícios de entrada dos cabos no kayak;
- Verificar nos fincos pés o seu estado de conservação e se eles estão devidamente afinados para o seu tamanho;
- Verificar o estado das linhas de vida e possíveis elásticos situados no convés.

Equipamento

O equipamento do canoísta tem que estar adaptado às necessidades e exigências que uma saída de mar obrigam.

Por vezes, saímos com um tempo agradável e, durante a realização do nosso passeio as condições climáticas alteram-se por completo. Devemos estar preparados para tal eventualidade.

Assim, como equipamento básico e tendo em conta que o tempo está agradável (temperaturas amenas para quente):

- Camisola ou T-shirt técnica (tipo Helly-Hansen ou Berghaus);

- Fato de banho ou calção;
- Sandália ou bota de neoprene;
- Chapéu de abas largas, de preferência, para protecção do pescoço;
- Colete salva-vidas adequado ao nosso peso, com diversos bolsos e arnês;
- Saiote suficientemente forte para aguentar com uma rebentação de onda;
- Impermeável.

Acessórios

A componente acessórios é importantíssima para a qualidade do passeio e segurança do canoísta. No campo da segurança:

- Cabo de arremesso flutuante para a realização de salvamentos;
- Bomba de água manual acoplada ao kayak ou não;
- Pagaia desmontável de substituição;
- Bússola;
- Instrumento sonoro (apito ou corneta);
- Reflector de radar para locais com grande movimento marítimo;
- Bolsa estanque para transporte de cartas e

documentos;

- Sistema auxiliar de subida para o kayak para o caso de falhar a esquimotagem ou não saber executá-la;
- Estojo de primeiros socorros;
- Alicate multifunções;
- Fita para um pequeno remendo que se tenha de efectuar na embarcação;
- Protector solar;
- Saco estanque para transporte de uma muda de roupa ou alimentos;
- Bebida tonificante, tipo Isostar ou Reiter, para compensar a perda de energia;
- Alimentos com alto valor calórico que têm a vantagem de estar estudados para serem utilizados em situações de algum desgaste físico e não ocuparem grande espaço.

Navegue com segurança e, se possível acompanhado e depois conte-nos os seus passeios na rubrica "Palavra ao Leitor". Boas pagaiadas....

A memória nos rápidos



Fazer canoagem é conduzir a nossa embarcação por um percurso previamente definido, gerindo um sem número de aspectos dos quais salientamos:

- quanto ao indivíduo
- o gabarito do canoísta
- o kayak de que dispõe
- quanto ao rio
- a pendente do rápido
- a potência da corrente
- o trajecto da corrente
- os obstáculos na corrente

É a gestão correcta destes aspectos que conduzem ao sucesso do franqueamento dos rápidos e, logo, ao prazer da canoagem, já que quando não é assim, para além dos riscos que se correm, não se distingue o canoísta dum simples tronco levado na enxurrada.

Isto leva-nos a concluir que a avaliação que fazemos dum rápido, tem de ser correcta. A provar a importância desta questão, está a preocupação generalizada entre todos os canoístas sobre a classificação dos rios e dos seus troços, de que fizemos eco no nº anterior da revista. OK. Mas quando chegamos à beira dum rápido, se

ele é relativamente inclinado, não lhe vemos o desenvolvimento e portanto não o podemos avaliar. Teremos portanto que sair do kayak para, da margem, analisar o rápido.

Da Margem

Da margem olhamos para o rio, para os obstáculos nele semeados, avaliamos-nos, avaliamos o que vemos e, se for o caso, optamos por franquear o rápido.

Do Kayak

Voltamos a entrar no kayak, posicionamo-nos na corrente e lá vamos nós. Mas agora, de dentro do rio, nada mais vemos que as pedras do início do rápido e uma vez passadas estas, outras se perfilam que não nos deixam ver a tal passagem que tínhamos decidido fazer e que vista da margem parecia tão evidente. Fomos traídos. Então uma trajectória tão visível da margem, tão lógica e evidente que se nos afigurou a única possível e agora que estamos no kayak não a vemos? De facto a perspectiva obtida da margem é relativa. Através dela relacionamo-nos com o conjunto dos obstáculos existentes no rápido muitas vezes vistos de cima, outras de jusante conforme a facilidade ou difi-

culdade de acesso àquele que muitas vezes é o único ponto possível da margem de onde se pode ver o rápido. De dentro do kayak não temos essa perspectiva de conjunto, relacionamo-nos com os obstáculos um a um à medida que por eles vamos passando.

Sentados no kayak, os nossos olhos estarão a cerca de 80 cm de altura. Um qualquer obstáculo de 50 cm colocado a 2 m, só nos permite a visão para além dele à distância de 5.30m. A questão da memorização da posição relativa dos obstáculos e da trajectória que decidimos, é tanto mais importante quanto mais "técnico" for o rápido. Num rápido que obrigue por exemplo a uma entrada à esquerda, uma travessia para a direita para evitar um retorno, um salto para uma piscina muito pequena com uma saída lógica para um sifão e que portanto obriga a um rápido posicionamento do kayak para um salto fora da corrente principal, a memorização de tudo isto é mesmo essencial. É claro que em tais condições de água como as descritas no exemplo, provavelmente um Grau V, só os canoístas mais experientes se arriscarão a franqueá-lo com segurança, mas

lembre-se do que dissemos inicialmente. Se tentar cumprir um trajecto decidido antecipadamente num rápido simples e praticamente isento de perigo, verá como o seu gozo é muito maior do que se simplesmente se deixar ir, e progredirá tecnicamente muito mais depressa. Então que fazer para resolver ou simplesmente melhorar esta questão?

Procure ser o primeiro a franquear o rápido. Organize as descidas de modo a que todos os interessados sejam pelo menos uma vez os primeiros a descer um rápido. Esta atitude tem duas vantagens no processo de memorização:

A primeira é a de que a responsabilidade acrescida de ser o primeiro, leva a um esforço de concentração que facilita a memorização; A segunda é a de que, pelo contrário, quando não se é o primeiro, o que tentamos fazer é imitar o que vimos fazer pelos nossos antecessores. A cada momento da descida, tentamos recriar-lhes os gestos e não navegar reconhecendo os obstáculos pelos quais vamos passando. Aceite à partida repetir um rápido em que falhou da 1ª vez. Seja cauteloso com uma

qualquer ideia de sucesso que o leve a arriscar demasiado na primeira tentativa. Há que planejar as nossas excursões, de forma a que haja tempo para isso o que será tão mais útil, porquanto a calma ajudar-nos-á a fixar as particularidades do percurso que elegemos.

Temos sempre a tendência para tentar fixar o trajecto a fazer ao longo de todo o rápido. Se isso é possível num rápido curto é muito mais difícil senão impossível quanto maior for o rápido. Há portanto todo o interesse em dividir o rápido em partes, prevendo paragens nas contracorrentes e lembrando-nos do que vimos além de cada uma delas.

A paragem nas contracorrentes é essencial para podermos descansar num rápido escabroso, e dão-nos ainda a possibilidade de sair do kayak para, novamente da margem, visualizarmos a continuação da descida. É por outro lado fundamental termos fixado a localização das contras, pois em caso de "viranço" é para lá que temos de nadar e levar o material se tal for possível.

É importante procurar ver o rápido de diversas perspectivas e a uma altura razoavelmente

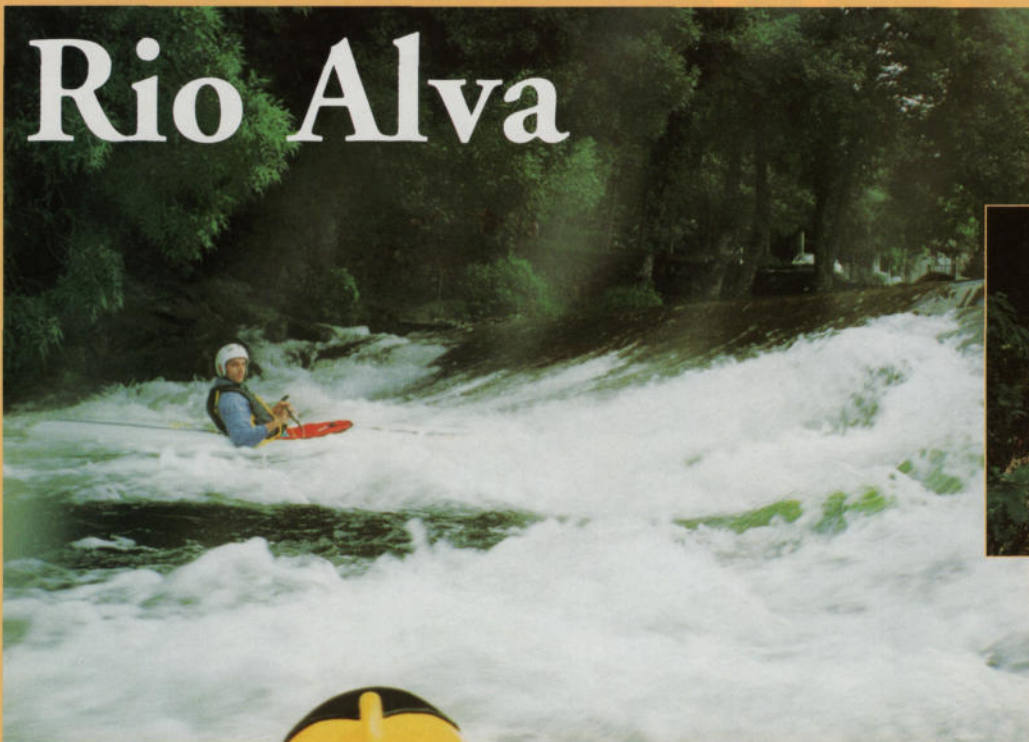
baixa para que aquilo que vemos dessa posição seja o mais parecido possível com aquilo que veremos de dentro do kayak.

Facilita muito a localização, a memorização de pontos conspícuos na margem visíveis de dentro de água e, para isso os outros canoístas participantes na descida podem e devem ajudar. Como sabem, um grupo de descida num troço difícil, deve ser constituído por um mínimo de 3 e um máximo de 5 participantes. Assim sendo, estarão colocados ao longo do rápido segundo um esquema de segurança previamente decidido por todos, o que facilitará a identificação e a memorização dos pontos quentes da descida.

Não se esqueçam que descer em conjunto, não é descer à vez com os outros a assistir da margem a gozar uma pausa para descanso. Quando toca a descansar, descansam todos. Se o rápido a isso aconselhar, descer deverá ser descer com a ajuda de todos. Portanto, vamos lá a sair dos kayaks, a ver em conjunto o rápido, a discuti-lo, a decidir e a ajudar. ✎

Texto: Carlos Abreu
Fotografia: Rui Calado

Rio Alva



A época das descobertas, já lá vai há muito tempo, fronteiras por descobrir, que se saiba já não existem, mas nas minhas andanças por este país fora, deixo-me contar que Portugal precisa de ser novamente descoberto, pelo menos no que se refere à canoagem.

O que poderá estar a acontecer, é que os rios são explorados por pessoas ou grupos isolados e depois por falta de ligação ou seja lá o que for, esses conhecimentos não são divulgados. Por estas e outras razões, esta revista é um espaço essencial para a troca de informações, conhecimentos e opiniões.

Desta feita o rio Alva e o rio Alvoco, são tema desta reportagem, já que além de outros factores, reúnem em si um cocktail de possibilidades capaz de satisfazer quase todos, excepto os mais radicais.

Para quem quer passear calmamente na sua canoa, sem grandes sobressaltos e até eventualmente pescar, tem a barragem de Fronhas, pródiga em truta e achegã e com uma albufeira de grande extensão mas que felizmente é toda ela às curvas, quebrando assim a monotonia dos grandes espaços abertos. Um dos melhores locais de acesso é precisamente em Fro-

nhas, a aldeia que deu o nome à barragem e à qual se acede pela estrada da Beira. Convém levar comida, água e tudo aquilo que pense vir a precisar, porque esta região não tem qualquer tipo de infra-estruturas de apoio a esta e a outras modalidades. Talvez por isso a região seja tão sossegada.

Se gostas de águas calmas vai até lá, vale a pena. Subindo um pouco o rio Alva, deparamo-nos com um rio estreito, de águas límpidas, com imenso peixe e marginado por mata densa e verdejante.

Entre Barril de Alva e Sarzedo o percurso é no mínimo soberbo, como aliás todo o rio e dá para navegar calmamente durante dois dias. Um bom local para acampar é Secarias, local com acesso à estrada, com dois restaurantes e relva para montar a tenda.

No entanto este rio tem uma característica comum à maioria dos rios em Portugal, os açudes. No troço atrás mencionado existem cerca de 6 açudes e alguns com uma altura considerável, podendo ser transpostos de kayak se este for de águas bravas, se houver caudal suficiente, se o canoísta tiver o mínimo de experiência, se for montada a segurança básica para refazer o salto e se se usar capacete.

Parecem muitos mas não é, mas um deles pode-te salvar a vida e evitar que uma vulgar descida se transforme em algo menos agradável. Alguns açudes têm retornos que podem apanhar o canoísta mais desprevenido.

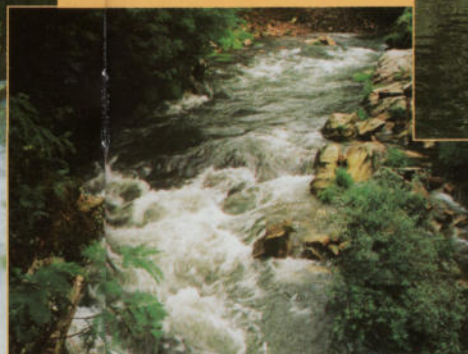
Caso não faça parte dos teus interesses saltar açudes, passa-os a pé, todos eles são relativamente fáceis de transpor. Noutros dois locais o rio acelera um pouco, obrigando a uma muito pequena gincana que até serve para divertir.

Agora falando do troço entre Parente e Avô, já englobamos outro rio para além do Alva, o Alvoco.

Vindo da serra da Estrela onde ainda é conhecido por ribeira da Serra, toma o nome de Alvoco por alturas de Právida e vai-se encontrar com o Alva na Ponte das Três Entradas. Este troço, já não é para o canoísta que pretende fazer uma descida pacata com um saltito à mistura.

Vamos então partir para outra onda. Começando em Parente, começa-se logo com um açude com cerca de 3 metros. A recepção é boa e o retorno não levanta grandes problemas. Daqui para baixo até Avô, existe um misto de planos de água nunca muito extensos,

À esquerda, açude na Ponte das Três Entradas. Ao meio, último troço antes de Avô. À direita, aspecto da Barragem de Fronhas. Em baixo, casa típica da povoação de Avô



com passagens onde a água acelera e que já exigem algum trabalho e atenção. Ter atenção às árvores que por vezes são mais perigosas que as pedras no rio e há locais em que a corrente puxa positivamente para debaixo das árvores.

Um pouco abaixo de Parente existe um açude impressionante com 5 metros de altura a direito. É fácil e o salto é fantástico provocando uma sensação de queda livre e depois de absorção pela água e logo a seguir de disparo em direcção à superfície. O salto deve ser efectuado pelo lado direito. Mesmo depois de o passarmos e irmos rio abaixo, olhamos para trás e pensamos "m... o gajo é mesmo alto". O rio continua com um misto de planos de água, passagens estreitas e açudes, muitos açudes e todos eles rampeados excepto os dois referidos atrás. Um deles, o terceiro depois de passar Alvoco das Várzeas, tem um retorno poderoso, eu que o diga.

Quase no fim e já a chegar a Avô, deparamo-nos mais um açude monstruoso e em vez de ser rampeado é escadeado.

Tenho alguma dificuldade em aconselhar seja o que for neste açude, porque a recepção é boa mas o caminho até lá chegar é semeado de muitos penedos que não se conseguem locali-

zar devido à tempestade de espuma mas o melhor sítio ainda é pelo lado direito onde o escadeado é mais pronunciado mas com menos obstáculos. Acreditem, eu fui pelo lado esquerdo e hoje quando me mexo ainda me lembro.

Por fim Avô, com o rio a espalhar para logo a seguir se dividir em dois braços que contornam uma pequena ilha. Pelo lado esquerdo esperam-nos a emoção com um percurso de cerca de 100 metros todo às curvas no meio de margens altas e a 1 terço do fim um gancho apertado à esquerda que se não for bem feito é choque certo na parede de rocha com direito a banho e passeio de rápido até lá baixo.

E pronto, aqui acaba a nossa aventura, e para isso dá jeito que haja alguém para nos recolher em Avô.

Posto isto e correndo o risco de ser chato, gostaria de voltar a acentuar os cuidados que é necessário ter a descer rios. Para alguns isto que eu digo é certo e sabido, mas como não se pergunta a ninguém qual o seu grau de experiência quando compra a revista, o melhor é prevenir.

Os açudes, são criaturas que podem ser muito divertidas mas também podem ser muito pe-

rigosos e dependendo do caudal do rio assim assumem características muito diferentes, portanto, colete, capacete, corda e pelo menos mais dois companheiros é o material mínimo indispensável. Já agora não se esqueçam do kayak.

Como parte deste percurso se insere no concelho de Arganil, pode-se aproveitar para desfrutar de algumas coisas boas da região.

Visitar a Mata da Margaraça, a Fraga da Pena e o Piodão podem ser componentes agradáveis depois da porrada que se apanha no rio.

Para quem gosta de comer, também não vai de barriga vazia e se gostas de avistar montanhas a perder de vista a máquina também não volta sem ter registado nada. Não me responsabilizo pelo mau tempo. Quanto ao alojamento, desde a Ponte das Três Entradas até Sarzedo, existem 4 parques de Campismo e algumas residências e pensões. No entanto todas estas e outras informações, podem ser obtidas através dos serviços de Turismo de Arganil, um dos mais atenciosos que já encontrei, através do telefone (035)24823. ✎

Texto e Fotografia:
Octávio Teixeira de Almeida

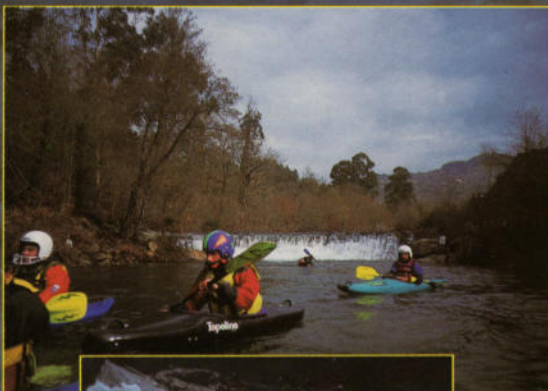
Fim de semana deslumbrante

Louredo, Louredo, que corres numa região tão bonita como (felizmente) pouco explorada. Belas aldeias em pedra, escondidas entre o intenso verde que cobre as zonas mais baixas das montanhas, cascatas que se despenham lá bem do alto, estradas que serpenteiam ao ritmo do relevo, e lá em baixo - umas vezes bem escondido, outras revelando-se transparente e salpicado de pinceladas de branco - o rio. O tal Louredo que tínhamos vindo saborear. Desta vez encontrávamo-nos 6 ou 7 canoístas lá pelos lados do rio Tâmega, e o motivo de tão interessante reunião era um afluente do dito, margem esquerda, uns escassos Km a montante de Arco de Baulhe. Olhando para o material do costume - cartas topográficas 1/25.000, mapas das estradas, etc. - tínhamos visto que o Rio Louredo se pode dividir em diversos percursos, pelo menos 5: Desta vez ficámos-nos pelos dois últimos, mesmo até ao ponto onde ele entrega as suas águas ao grande Tâmega.

Texto e Fotografias: Rui Calado

*Saba do Mondego
Vão sem mais, desceram
num despenhadeiro de espuma*





Um bom grupo preparado para uma Louredada



Salto do Mocho

Estrada fora (e se vierem do sul a viagem é longa), há que conduzir até à ponte de Cavês, sobre o Tâmega, atravessá-la em direcção a Ribeira de Pena e curvar logo na 1ª estrada à direita. Depois é avançar acompanhando mais ou menos o rio e seguir as indicações para Agunchos, e depois Cerva, pequena e interessante aldeia que possui uma praia fluvial. É aqui que apanhamos boleia do Louredo. Entramos na parte calma antes do 1º açude e saltamo-lo (ou melhor, despenhamo-nos por ele abaixo) encostados à margem direita. Por pouco não entortamos logo o nariz dos kayaks (que para este rio convém serem curtos), e continuamos calmamente saltitando outros açudes mais ou menos altos (atenção às recepções!!!). O rio vai ganhando ritmo, estreitando, até mergulhar de vez numa sucessão de pequenas gargantas em granito escuro. Navegamos à vista, deixando-nos embalar pela paisagem e pela água límpida, empenhando-nos apenas nalgumas passagens um pouco mais técnicas.

Depois de mais uma curva, o já bem encaixado entre o granito, deparamo-nos com uma passagem em salto bastante complicada (IV ou mesmo V, dependendo do caudal) ao lado de um antigo moinho e que exigiu uma segurança activa em ambas as margens. Saltamos um a um, pela direita, num pequeno espaço entre um feio retorno e uma laje que se estende paralela à superfície. Atenção: apontar... pagaiar... giclé... movimento de impulso simultâneo dos pés, corpo e pagaia para fazer "voar" o kayak para a frente das bases dos saltos e aterrarmos bem no meio da espuma e junto à parede de pedra. A passagem é realmente difícil e perigosa principalmente se feita pela esquerda, onde lá está o forte retorno à espera do incauto que se meter por esses rumos. A portagem dos kayaks daqueles que não estiverem nos seus dias, é feita pela margem direita, mas implica um bocado de escalada e ginástica. Portanto muito cuidado!! Depois de enchermos a barriguinha de saltos, temos de parar pouco depois no único

intransponível destes dois percursos. O rio desaparece por baixo de grandes blocos de granito e não nos deixa outra alternativa senão atirarmo-nos de cima das pedras para o outro lado, aterrando numa espacosa piscina. O resto do percurso até poderia ter corrido sem história, tirando alguns rápidos técnicos com muita manobra em classe IV. Mas aqui o nosso amigo Louredo mostra que tem sempre mais força do que nós, meros viajantes de passagem pelas suas águas, e entalhou um barco numa passagem entre dois blocos de pedra que aparentemente não traria qualquer problema. Mas provocou uma gravata fortíssima que dobrou o barco a meio, já sem o canoista lá dentro, felizmente. Recompósitos do susto, desmontamos o banco do barco e vai de dar pontapés no desgraçado (do barco, não do canoista) para o endireitar. É sempre interessante verificar como a "memória" do material funciona e como volta ao seu formato original com tanta facilidade, de maneira que 5 minutos depois parecia que o barco tinha acabado de sair da fábrica.

Ou quase. Ainda nos esperavam algumas passagens interessantes até chegarmos a ponte de Agunchos que marca o final desta primeira actividade no Louredo, cerca de 3 horas depois de sairmos da praia fluvial de Cerva. No dia seguinte, com o tempo a melhorar-se chuvoso, lá estivamos na outra vez na dita ponte, prontos para nos dar uma "Louredada". Descemos os kayaks, escorregando pela encosta bastante inclinada que dá acesso à margem esquerda do rio, e entramos. Este segundo troço começa logo bem rápido, do é com umas belas passagens em toboggan e pequenos saltos. Cerca de 500 metros depois do início há um pequeno salto vertical que forma um forte retorno e que deve ser feito com muito cuidado pela direita, exigindo também uma segurança eficiente (dois canoistas encordados, um de cada lado da passagem prontos para o que der e vier). En que o diga, pois já lá estive dentro às cambalhotas com o meu Topolino durante um bom bocado, até que acabei por ser salvo por um

amigo francês que tinha vindo descer comigo em primeira mão parte deste percurso. Manhosa, muito manhosa esta passagem. Mas desta vez tudo correu bem e lá vamo-nos ao fim pela rio abaixo. Temos que saltar duas ou três vezes dos braços para manobrar alguns rápidos cuja saída não é visível a montante, mas que depois não oferecem dificuldade de maior. O resto da portagem pode ser feito a vista, andando cuidadosamente e parando nas contravergências para se observar (com olhos de véi) o que vem a seguir. Os rápidos e saltos rápidos-te quase não nos deixando tempo para observarmos a belíssima paisagem que se avista de dentro do rio. Mais um belo salto um pouco antes da velha ponte de Brumela (que só dá acesso a jipe) e o rio aplaina até misturar as suas águas com as do Tâmega. Já navegando neste, largo e manso naquele dia, ainda nos faltavam 2 ou 3 Km até encontrarmos o apoio por terra na margem esquerda antes de um açude que atravessa o rio

de lado a lado. E assim chegava ao fim mais um belo fim-de-semana de canoagem, lembrando-nos como sempre por eles terem apenas 2 dias... Os níveis de dificuldade que indicamos são definidos com base num caudal médio que corresponde mais ou menos a dois dedos de água a passar por cima do açude da partida, na praia fluvial de Cerva. Com menos água, haverá passagens cuja transposição será problemática por causa das recepções. Com fortes débitos, o rio ficará mais sucessivo, a velocidade maior e haverá com certeza, bastantes e fortes retornos e outras surpresas à vossa espera. Fica portanto ao vosso critério. Os percursos mais a montante destes dois que realizamos já foram vistoriados por alguns de nós e aparentemente prometem sensações um pouco mais cáusticas, entrando pelas classes V e VI. Há pois que esperar pela maldita chuva que este ano nos traiu, e nos deixou perante uma grande seca, para os experimentarmos. ✚

Novo modelo de Kayak com um design muito radical "by Louredo"



Os rápidos do Louredo são rápidos, mas bastante técnicos e não saltos entre pedras



Canoas & Crocodilos

Um Tuaregue nos pântanos da Louisiana

C omo é difícil combater os vícios! De parando-se a um canoísta inveterado uma oportunidade para dar umas pagaiadas num local ou condições diferentes das habituais, este certamente não a vai deixar escapar. Foi o que me aconteceu. Sou desde longa data canoísta do Tuareg Kayak Clube, e tendo-me encontrado por razões profissionais em Nova Orleans (Estados Unidos), não pude deixar de me deslocar à famosa região pantanosa do delta do rio Mississippi. Nesta sucessão de densas florestas permanente ou sazonalmente alagadas, campos abertos, planos de água, pauis e lodaçais, cruzada por um dedalo de canais, a canoa é de facto a melhor maneira de a explorar. Para mais, em toda esta região Sul do estado da Louisiana, deparamo-nos com um fervilhar de vida animal ao qual não estamos realmente habituados, desde veados, raposas, racoons, esquilos, nutrias (um roedor aquático de grande porte, ainda utilizada para o fabrico de casacos de peles), lontras, martas, lebres, armadilhas, várias cobras, tartarugas, até ao ex-libris desta região - o aligátor, espécie norte-americana de crocodilo. De entre uma variedade enorme de aves podemos destacar o falcão, garça, íbis, pica-pau, coruja e mocho. De toda esta vasta região de pântanos, a área em que a paisagem e vegetação se encontram mais próximas das suas condições nativas, e a fauna no seu maior esplendor, é possivelmente a da unidade do Jean Lafitte National Historic Park junto à povoação de Barataria. No primeiro dia começámos por visitar o extremamente bem documentado centro de apoio aos visitantes, assim como o pequeno museu anexo. De especial interesse para um canoísta foi ver os tipos de embarcações utilizadas pelos índios, bem como o processo de fabrico das canoas de troncos escavados dos Isleños (colonos vindos das Canárias) e dos Cajuns (descendentes de franceses). O resto do dia foi dedicado a um passeio pedestre por um dos trilhos do parque. Escolhemos o Bayou Coquille Trail, visto ser o único que nos leva a conhecer os vários tipos de vegetação e floresta da região. O destaque vai para a floresta de palmito, que parece ser tirada de uma cena do filme Jurassic Park, e para os ciprestes lacustres. Neste caminho deparamos também com o local de uma povoação índia datada de cerca de 200 a 600 anos D.C. Todos os trilhos do parque estão extremamente bem marcados, com estrados e pontes sobre as regiões alagadas. Depois da visita pedestre a esta área em que o terreno seco e as áreas alagadas se entrecru-



*"The Alligator",
foi uma presença constante
durante o nosso
passeio em canoa*



*Aspecto de Nova Orleães
onde se pode notar
a influência arquitectónica
deixada pelos franceses*



zam para formar uma miríade de paisagens diferentes, o segundo dia foi dedicado à forma de exploração mais aliciante para um canoísta. Tendo alugado a canoa no típico Earl's Bar, a carrinha do estabelecimento seguiu-nos até ao ponto de partida, transportando a nossa embarcação. Depois de nos informarmos com os "locais", optámos por iniciar o nosso percurso nos Twin Canals. Tive como parceiro o meu colega e amigo Luís Loura, que pegava numa pagaia pela primeira vez. A parte inicial do percurso ao longo do canal é feita entre margens de terra firme e densa vegetação, onde ainda se encontram vários pescadores ao longo das margens. Gradualmente a paisagem vai-se transformando, dando lugar a margens mais baixas, de campos abertos muitas vezes alagados onde se podem ver grandes grupos de nutrias a alimentarem-se. Qualquer saída da canoa nestas zonas tem que ser feita com bastante cautela. O terreno das margens, à primeira vista firme, muitas vezes não é mais do que um denso tapete flutuante de ramos e plantas aquáticas, que facilmente se afunda sob o peso de uma pessoa.

Chegados à confluência dos Twin Canals com o canal principal virámos para Sul em direcção às paisagens de maior beleza do parque e, sem o saber, a um dos momentos mais marcantes da viagem. Qual é o nosso espanto quando, cerca de um quilómetro percorrido deparamos na margem esquerda com um enorme crocodilo a aquecer-se pachorrentamente sob o sol da tarde. Embora soubéssemos

mos estar no coração do seu habitat, tínhamos sido levados a crer que nessa altura do ano (início de Março) os aligatores ainda se encontravam na fase final do seu período de hibernação invernal; o que constatámos da melhor (ou pior) maneira não ser verdade. Infelizmente, também só soubemos mais tarde que o receio era em grande parte infundado: Dada a grande abundância de vida animal no parque, os aligatores encontram-se sempre muito bem alimentados, não sendo comuns os ataques ao Homem. O mesmo já não acontece com os cães das aldeias limítrofes! Ultrapassado o susto inicial, e vendo que o crocodilo não se mexia, decidimos aproximar a embarcação de modo a conseguir uma melhor fotografia. Ao se aperceber da nossa presença o aligátor, numa cena digna de um documentário da National Geographic, deslizou rapidamente para o canal. Pudemos então aperceber-nos quão difícil é reconhecer o crocodilo quando este se encontra dentro de água. Com toda a cabeça ao nível da água e o resto do corpo submerso torna-se muito fácil o confundir com o tronco. Não muito confortáveis com esta nova situação decidimos continuar o nosso percurso. Durante o resto do dia avistámos ainda mais dois aligatores, mas não tão grandes como o anterior.

Na confluência com o Kent Canal virámos para este braço, alargado no século XIX pelos madeiros para transportar os enormes ciprestes dos pântanos em direcção às serrações. Um pouco mais à frente abandonámos os ca-

nais para nos embrenharmos na Bayou Coquille, à nossa esquerda. Esta floresta alagada, de enormes ciprestes, é sem dúvida a paisagem mais impressionante desta região. Ao penetrar nesta zona entramos num mundo quase irreal, em que a canoa deambula por entre as árvores, e no qual de cinco em cinco pagaiadas vemos mais um esquilo, nutria ou coelho dos pântanos a nadar ou saltar junto a nós. A progressão nesta zona é extremamente cansativa devido à enorme quantidade de matéria orgânica que se encontra na água. O nível da água na bayou varia imenso com a altura do ano, sendo possível na altura das chuvas continuar de canoa até à Bayou Des Familles, já do lado contrário da Highway 45. Chegados ao extremo navegável da bayou, rumámos a noroeste de modo a desembocar directamente no canal principal. O regresso ao ponto de partida foi feito sem história, ficando somente na retina um belíssimo pôr do sol visto por entre as árvores do pântano.

New Orleans

Obviamente que pagar pelo meio de uma paisagem e ecossistema indescritíveis, com crocodilos a nadar à nossa volta, pode não ser justificação suficiente para uma viagem tão longa. Assim, não posso deixar de escrever umas palavras acerca de Nova Orleans. A cidade foi fundada pelos franceses em 1718, tendo pertencido a Espanha de 1764 até voltar ao domínio francês em 1803. Quase de imediato este território foi vendido aos Estados Unidos. Já sob o domínio americano, desenvolve-

ram-se nesta região numerosas plantações, baseadas em mão de obra escrava. As influências espanhola, afro-americana e, em especial, francesa nesta cidade dos Estados Unidos fizeram dela um local único no mundo. Esta ambiência especial encontra-se principalmente na famosa Bourbon street e no resto do French Quarter. Para além da arquitectura, este bairro é animado por uma intensa vida nocturna, para todos os gostos. Da múltipla oferta, não há comparação com o ir a um dos bares típicos com jazz ao vivo, na cidade que viu este género musical nascer. Outras curiosidades de Nova Orleans são os famosos barcos a vapor do Mississippi impulsionados pelas suas grandes rodas, as casas das plantações ao bom estilo do filme "Tudo o Vento Levou", e a ponte mais longa do mundo, sobre o lago Pontchartrain, com quase 40 quilómetros.

Num país de gastronomia característica, e onde pouco se come peixe, Nova Orleans é uma excepção. Aí podemos encontrar uma grande diversidade de pratos típicos, de paladar forte e nomes sonantes, como gumbo ou jambalya, marisco variado a preço acessível (lagostins, gambas e softcrab), assim como as ostras, ou os exotismos da carne de aligátor, a sopa de tartaruga ou o peixe-gato, tudo acompanhado de molhos picantes, como o sobejamente conhecido tabasco.

Informações úteis

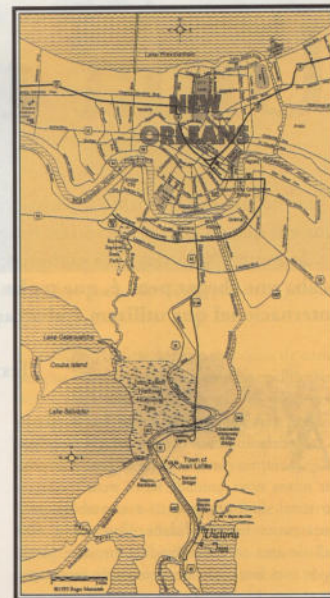
Os voos de Lisboa para Nova Orleans e volta, via Nova York, custam a partir de 95000\$00. Como nos Estados Unidos em geral, a única

forma para uma pessoa se deslocar à região dos pântanos é alugando um automóvel, grande como qualquer carro americano. Os alugueres não são muito caro, e para mais, segundo os nossos parâmetros europeus a gasolina é quase grátis. A melhor altura do ano para encontrar os crocodilos é de meio de Março a meio de Maio. Anteriormente encontram-se em hibernação, e posteriormente a vegetação torna-se excessivamente densa para os avistar. A melhor altura do dia é no pico do calor, quando estes se encontram a repousar ao sol. O aluguer das canoas, pagaia e coletes pode ser feito no Earl's Bar (junto ao cruzamento das Hwy. 45 e 3134, tel.: 00-1-504-6893271) por 25 dólares/dia (cerca de 4250\$). O preço inclui o transporte do material para o local de partida escolhido e respectivo resgate. Não foi o nosso caso, mas pode-se também optar por passeios guiados, Domingo às 8 da manhã ou nas noites de lua cheia. Do outro lado do cruzamento encontram-se duas excelentes escolhas para uma refeição: o Restaurant des Familles e, mais para petiscos, o Bayou Barn onde também se podem alugar canoas. Em termos de alojamento, a melhor escolha é sem dúvida a inesquecível Victoria Inn, em Lafitte, a poucos quilómetros do parque (será melhor fazer reserva; tel.: 6894757, fax: 6893399, <http://www.VictoriaInn.com>).

Texto: Nuno Correia dos Santos

Fotografia: Luís Loura
e Nuno Correia dos Santos

*Mapa de Nova Orleães
onde se pode ver a Sul da cidade
o Jean Lafitte National Historical Park*





Mar Kayaks Uma nova fábrica

Quando me dirigia rumo a Mosteiró para visitar a nova fábrica da Mar kayaks (Nelo) recordáva-me dos tempos em que os atletas nacionais retiravam ou tapavam, por vergonha ou por não ser dignificante, o autocolante da marca Nelo das suas embarcações. O destino é implacável e mais tarde ou mais cedo o reconhecimento acaba por chegar pena é, que tenha de ser imposto pelos resultados obtidos por selecções e clubes de renome internacional que utilizam embarcações fabricadas por este construtor nacional.

Texto e fotografia: Vasco de Melo Gonçalves

As exigências de fabrico e o aumento significativo das exportações obrigaram o construtor de Mosteiró a apostar numa nova unidade fabril mais moderna ao nível do equipamento e concebida para uma maior funcionalidade. Cerca de 1 600 m2 de área coberta, dividida em dois pisos, onde está instalado um sistema de renovação de ar (em 15 minutos renova totalmente o ar

da fábrica) com os respectivos filtros esta nova fábrica está idealizada para uma maior rentabilidade e funcionalidade. Estas duas premissas são conseguidas através de uma concepção física da linha de fabrico e armazém em que não existe intromissões de sectores e por conseguinte, um aumento de produção. Toda a movimentação das embarcações nas diversas fases de fabrico são realizadas mecanicamente

através de um sistema complexo de calhas e de elevadores. Se numa fábrica a concepção da estrutura física é importante, o factor humano é vital. Manuel Ramos organizou o seu pessoal (mais de duas dezenas) de forma a que cada um seja responsabilizado pela sua actividade mas, sempre subordinado a um chefe de produção que aponta objectivos e que traça as prioridades



Uma visão parcial da estrutura de fabrico da Mar Kayaks



Aspecto de uma secção onde podemos ver a disposição racional de matérias primas e ferramentas



Aspecto da fase de polimento, já no 1º andar, onde podemos ver parte do sistema de renovação de ar que equipa toda a unidade fabril



Secção de acabamento e controlo de qualidade



Protótipo concebido por Robin Floyd que a Mar Kayaks produzirá para a marca Kyrton

des da linha de fabrico. O controlo de qualidade é, hoje em dia, um ponto de honra na Mar Kayaks e por isso, existe um responsável que tem por obrigação controlar e inspecionar todas as embarcações produzidas antes de se proceder ao acto de embalagem e armazenamento.

Quando visitámos a fábrica a produção estava concentrada na Canoagem com o novo K1 em destaque, face ao sucesso que tem obtido. Mas, podemos observar os inúmeros moldes de embarcações de remo que aos poucos

começam a ter uma dimensão de destaque na produção global.

Quanto aos destinos destas embarcações são dos mais variados, desde a Rússia à Coreia, passando pelo Japão, Noruega, Suécia, Inglaterra, Espanha, Austrália e Portugal.

Na conversa que tivemos com Manuel Ramos pudémos perceber a existência de dois estados de espírito distintos, por um lado os novos projectos como a construção em plástico (final do ano), exportação de tecnologia com a implantação de unidades fabris no estrangei-

ro, concepção total de novos modelos de competição e uma vontade enorme de evoluir. Por outro, uma certa mágoa de não se poder expandir em território nacional por falta de pessoal qualificado, com vontade de trabalhar e apostado em desenvolver as nossas potencialidades.

Vamos ficar atentos à evolução deste construtor e esperar que no final possamos ver e experimentar as novas embarcações construídas em plástico num processo inovador a nível mundial. ✎

Agosto

Data	Semana	PREIA-MAR				BAIXA-MAR			
		MANHÃ		TARDE		MANHÃ		TARDE	
		HORA	ALT.	HORA	ALT.	HORA	ALT.	HORA	ALT.
1	T	00:01	3.3	12:33	3.4	05:50	0.9	18:21	0.9
2	Q	01:00	3.4	13:28	3.5	06:42	0.9	19:13	0.8
3	Q	01:54	3.4	14:18	3.6	07:29	0.8	20:01	0.7
4	S	02:42	3.4	15:03	3.6	08:12	0.7	20:44	0.7
5	S	03:25	3.4	15:43	3.6	08:52	0.7	21:23	0.7
6	D	04:03	3.4	16:20	3.6	09:28	0.7	21:59	0.7
7	S	04:39	3.3	16:55	3.5	10:03	0.8	22:33	0.8
8	T	05:12	3.3	17:28	3.4	10:37	0.8	23:07	0.9
9	Q	05:46	3.2	18:03	3.3	11:12	0.9	23:43	1.0
10	Q	06:22	3.1	18:41	3.2	11:50	1.1	-	-
11	S	07:06	3.0	19:27	3.1	00:24	1.1	12:36	1.3
12	S	07:59	2.9	20:24	3.0	01:14	1.3	13:38	1.4
13	D	09:01	2.9	21:27	2.9	02:21	1.4	14:56	1.5
14	S	10:04	2.9	22:29	2.9	03:32	1.4	16:04	1.4
15	T	11:03	3.0	23:28	3.0	04:33	1.3	17:02	1.3
16	Q	11:57	3.2	-	-	05:26	1.2	17:54	1.1
17	Q	00:23	3.1	12:50	3.4	06:15	1.0	18:43	0.9
18	S	01:17	3.3	13:42	3.5	07:02	0.8	19:31	0.6
19	S	02:10	3.5	14:32	3.7	07:48	0.6	20:18	0.4
20	D	03:00	3.6	15:22	3.9	08:34	0.4	21:04	0.2
21	S	03:49	3.7	16:09	4.0	09:19	0.4	21:49	0.2
22	T	04:36	3.8	16:57	4.0	10:04	0.4	22:35	0.2
23	Q	05:23	3.8	17:45	4.0	10:51	0.4	23:22	0.4
24	Q	06:12	3.7	18:34	3.8	11:39	0.6	-	-
25	S	07:03	3.6	19:27	3.6	00:13	0.6	12:34	0.8
26	S	07:58	3.4	20:25	3.4	01:10	0.8	13:38	1.0
27	D	09:00	3.3	21:29	3.3	02:15	1.0	14:51	1.2
28	S	10:05	3.2	22:36	3.1	03:25	1.1	16:03	1.2
29	T	11:12	3.2	23:43	3.1	04:31	1.2	17:09	1.2
30	Q	-	-	12:16	3.3	05:33	1.1	18:10	1.1
31	Q	00:47	3.2	13:14	3.4	06:27	1.0	19:03	1.0

Data	Semana	PREIA-MAR				BAIXA-MAR			
		MANHÃ		TARDE		MANHÃ		TARDE	
		HORA	ALT.	HORA	ALT.	HORA	ALT.	HORA	ALT.
1	S	01:41	3,3	14:04	3,5	07:15	0,9	19:49	0,8
2	S	02:27	3,3	14:46	3,6	07:56	0,8	20:28	0,9
3	D	03:06	3,4	15:24	3,6	08:33	0,7	21:03	0,7
4	S	03:41	3,4	15:57	3,6	09:07	0,7	21:35	0,7
5	T	04:13	3,4	16:29	3,6	09:39	0,7	22:05	0,7
6	Q	04:43	3,4	16:59	3,6	10:10	0,7	22:35	0,8
7	Q	05:13	3,4	17:30	3,5	10:42	0,8	23:06	0,9
8	S	05:46	3,3	18:04	3,3	11:15	1,0	23:40	1,0
9	S	06:22	3,2	18:42	3,2	11:52	1,1	-	-
10	D	07:06	3,1	19:30	3,0	00:17	1,2	12:36	1,3
11	S	08:03	2,9	20:34	2,9	01:06	1,4	13:39	1,4
12	T	09:14	2,9	21:47	2,9	02:22	1,5	15:11	1,5
13	Q	10:23	3,0	22:55	2,9	03:47	1,4	16:26	1,1
14	Q	11:26	3,1	23:58	3,1	04:54	1,3	17:27	1,1
15	S	-	-	12:25	3,4	05:50	1,1	18:22	0,9
16	S	00:57	3,3	13:21	3,6	06:42	0,8	19:12	0,6
17	D	01:52	3,6	14:14	3,8	07:31	0,6	20:01	0,3
18	S	02:43	3,8	15:04	4,0	08:17	0,4	20:47	0,2
19	T	03:31	3,9	15:52	4,2	09:03	0,3	21:32	0,1
20	Q	04:17	4,0	16:38	4,2	09:47	0,2	22:16	0,1
21	Q	05:02	4,0	17:24	4,1	10:32	0,3	23:00	0,3
22	S	05:48	3,9	18:11	3,9	11:18	0,5	23:47	0,6
23	S	06:36	3,7	19:02	3,7	-	-	12:09	0,8
24	D	07:29	3,4	19:58	3,4	00:39	0,9	13:10	1,0
25	S	08:30	3,2	21:03	3,1	01:43	1,1	14:25	1,3
26	T	09:39	3,1	22:15	3,0	02:57	1,3	15:43	1,4
27	Q	10:51	3,1	23:28	3,0	04:11	1,4	16:55	1,3
28	Q	11:59	3,2	-	-	05:16	1,3	17:58	1,2
29	S	00:33	3,1	12:58	3,3	06:12	1,2	18:50	1,1
30	S	01:25	3,2	13:45	3,5	06:58	1,0	19:31	0,9
31	D	02:07	3,3	14:24	3,6	07:37	0,9	20:06	0,8

RAFT 'A' KA

**Rafting
no Rio Paiva
e outras aventuras.**

Av. Gomes Pereira 51 3º Esq. 1500 LISBOA Tel./ Fax. - 01 - 716 56 32
Telemóvel - 0936 34 45 34



maxon

Rádio Comunicações Profissionais

- Comunicações Terrestres
- Trunking
- Transmissão de Dados
- Busca de Pessoas
- Dupla Canalização

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
NAUCOM
Telecomunicações, Lda.

Edifício Liscont, 1º
Caís de Alcântara
1350 LISBOA
Tel.: (01) 397 37 58
Fax: (01) 397 37 32



Nômadas

Turismo de Aventura Lda. Tels.: (01) 9887923 (20h00) • 0936 738681

AGENDA

Julho

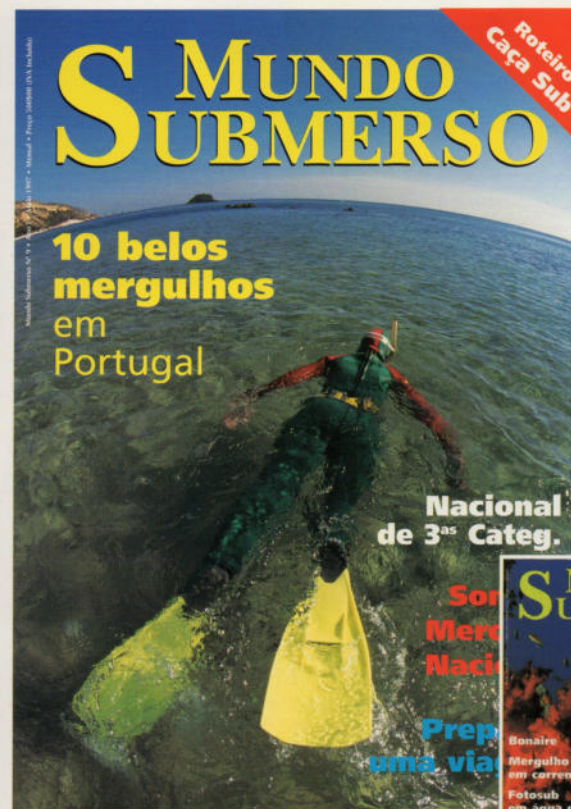
- 5 e 6 / Peniche - Berlenga: Organização Clube Expedição.
- 5 e 6 / À descoberta dos braços do Zêzere; Organização INATEL.
- 5 e 6 / À descoberta do Zêzere no Castelo de Bode; Organização Clube Margens.
- 11, 12 e 13 / Descida do rio Zêzere: Organização INATEL.
- 26 / 1º Encontro de Kayaks de Mar de Espôndenes; Organização Sipre (tel.053-965182)

Agosto

- 1 e 2 / À descoberta dos braços do Zêzere; Organização INATEL.
- 6 a 10 / Rio Sella - Peregrinação da Canoagem; Organização Clube Margens.
- 11 a 17 / Descida do rio Douro Internacional; Organização INATEL.
- 16 e 17 / Topo Malafosse Trophrr 1997; Organização Les Casques à Boulons.
- 17 e 24 / Volta à ilha de St.Maria; Organização Clube Infante D.Henrique.

Assine o

S MUNDO SUBMERSO



**A PRIMEIRA
E ÚNICA REVISTA
PORTUGUESA
DE ACTIVIDADES
SUBAQUÁTICAS**



CUPÃO DE ASSINATURA ANUAL

S MUNDO SURMERSO

NOME:

MORADA:

LOCALIDADE: _____ C. POSTAL: _____ TELEFONE: _____

PROFISSÃO: _____ DATA NASC: _____ Nº CONTRIBUINTE: _____

ASSINALE COM UMA CRUZ A FORMA DE PAGAMENTO:

☐ Envio cheque N° _____ Banco _____

No valor de 5.000\$00 à ordem de: Lobo do Mar, Lda.

☐ Autorizo débito no Cartão ☐ VISA ☐ MASTER/EUROCARD

[illegible][illegible]

Assinatura _____

 Vale CTT Nº _____ Nº Contribuinte _____

Endereçar a: Lobo do Mar, Lda. • Apartado 40 • 2780 OEIRAS

INUK



Carga Máxima: 125 Kg
Comprimento: 550 cm
Boca: 50 cm



VOYAGER SEA II



Carga Máxima: 300 Kg
Comprimento: 670cm
Boca: 63 cm



NELO

ZEPPELIN



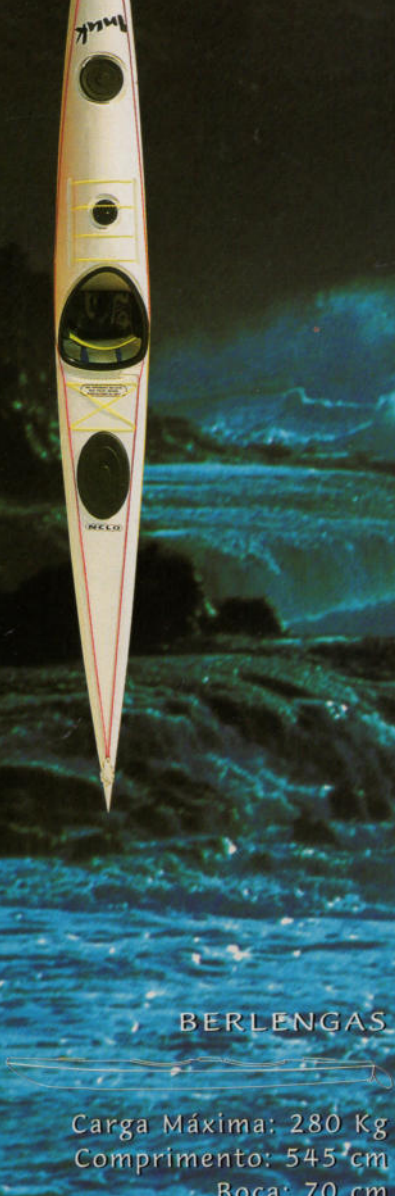
Carga Máxima: 200 Kg
Comprimento: 520 cm
Boca: 75 cm



BERLENGAS



Carga Máxima: 280 Kg
Comprimento: 545 cm
Boca: 70 cm



AZORES



Carga Máxima: 135 Kg
Comprimento: 490 cm
Boca: 58 cm



AMASSALIK



Carga Máxima: 135 Kg
Comprimento: 500 cm
Boca: 58 cm

